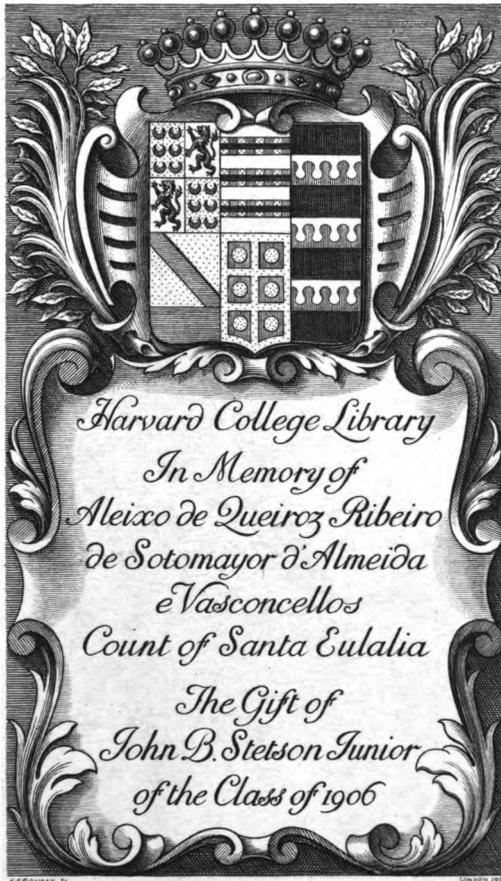


Port
6240
5.320

WIDENER

HN ZK73 J





OS HOMENS DE MARMORE

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—
1862

**OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.**

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837	
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel	22:000
Encadernada	27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel	11:600
Encadernados.....	13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v=Um folheto com dez gravuras	200
M. M. B. DU BOCAGE.	
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol.	4:320
BARRETO FEIO.	
Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol.	2:880
LIMA LEITÃO.	
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º	800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez.....	1:200
REBELLO DA SILVA.	
Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez.....	960
A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos.....	480
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço.....	300
MENDES LEAL JUNIOR.	
Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr...	360
O Homem de Ouro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez.	300
A Herança do Chancellor, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	400
Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	400
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	480
Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	720
Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço.	300
F. SOARES FRANCO.	
Sermões, 2 vol. 8.º francez, contendo vinte e quatro Sermões	960
ANTONIO DE SERPA.	
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez.	400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr...	320
F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.	
Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio.	6:750
LOPES DE MENDONÇA.	
Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.....	720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. . .	400
L. A. PALMEIRIM.	
Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço. . .	600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol.	360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr...	400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.....	160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.....	160
A. CEZAR DE LACERDA.	
Um Risco, comedia em dois actos.....	160
Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr.....	320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr.....	240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr.	300

OS HOMENS DE MARMORE

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1862

Port 6240.5.320
V

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, JR.
9 DEC 1924

25-12-3
207

PROLOQUIO.

ESCREVENDO estas curtas linhas, cêdo aos benevolos desejos do autor, mas não ignoro o que ellas offerecem de imperfecto e de incompleto, como juizo da sua obra.

Mais do que nenhuma outra, a fôrma dramatica exige da critica para ser bem avaliada, summa penetração e lucidez de analyse, e amplo desenvolvimento.

Lavrar de corrida um elogio sem baze, ou uma censura incorrecta, é desobedecer ás regras, e desacatar os sóros do exame sisudo, cuja auctoridade vive da razão e do gosto, e de nada mais.

Entretanto, conhecendo o precipicio, não posso fugir d'elle. Prometti estas poucas palavras, e devo cumprir. Sirvame isto de desculpa, se arrojos taes a podem merecer.

Os *Homens de Marmore*, na scena, alcançaram a corôa, que só confere o applauso publico; e em um drama philosophico, e concebido para typos da sociedade actual, o suffragio das platéas toma dobrada significação.

Les Filles de Marbre, representadas no theatro francez, estimularam a curiosidade, e graças a scenas felizes no desenho e dialogo, por occasião de alguns lances de verdadeiro pathetico, devido á execução esmerada e habil de dous actores distinctos, Ulric, e a dama que fez o papel de *Marcó*, as imperfeições sumiram-se, a armação melodramatica da peça não desagradou, e a intenção moral, realçando, soube resgatar os defeitos, que saltam aos olhos na leitura, e nos desgostam.

Chegava o assumpto e sobrava, para a larga creação de um quadro de primor; se os pintores corressem menos, e combinassem com reflexão e tacto todos os elementos de exito, sem duvida seria esta uma das raras peças dignas do mais escolhido repertorio, e capazes de sobreviver ás ephemeras ovações de algumas noutes.

Mas, saindo do circulo encantado das illusões scenicas, e meditando comsigo no problema proposto nas *Filles de Marbre*, o observador perguntava á consciencia perplexa, que motivo a fazia vacillar—entre satisfeita e descontente; ou por outra, o que faltava n'aquelle retrato para o tornar parecido e sincero?

Na sociedade positiva, que domina o seculo, e adora o bezerro de ouro, sob as diversas denominações inventadas pelo orgulho e pelo interesse, os corações insensíveis petrificar-se-hão unicamente no seio da mulher?

Era justo aferir pela alma gangrenada da prostituta o puro e suave espirito de tantas virtudes, embora risenhas e distrahidas?

O homem, metade do genero humano, traçando o pannel, não teria posto o leão aos pés, ou antes não teria transformado a verdade em seu proveito, buscando de proposito uma excepção odiosa para cunhar a effigie do egoismo sor-dido e cruel?

Acho que sim; e o drama dos *Homens de Marmore* prova-o com as suas conclusões, e nos seus triumphos.

A feição é geral; e só varia nos modos e proporções.

Corações de pedra, calculos sem entranhas, vilesas e prostituições moraes, tanto se encontram na ambição e no amor do ouro, do lado do homem, como nas vaidades prodigas, e na avareza torpe da mulher, capaz de se esquecer de si, de Deus, e do escandalo publico.

Felizmente o vicio não vem de hoje, nem o crime é de hontem; nasceu com as antigas civilisações, e cresceu, ou diminuiu, segundo as phrases, que as gerações atravessaram...

De Gorgias a Locullo, dos guerreiros de Atila aos assoldadores do Mexico, a moralidade indignada deplorou males iguaes, e a satyra em brado austero flagellou os mesmos des-acatos.

Em todos os tempos a riqueza, ou peor ainda, o desejo da riqueza sem escrupulos, declararam guerra mortal aos sentimentos nobres, ás acções honradas, e ás crenças sinceras.

Bastantes dos heroes de Plutarcho morreram por esta bella causa; e se o silencio da historia esconde o nome e o martyrio de muitos obscuros, não deixou por isso a alma de se lhes rasgar em agudos espinhos de encontro á realidade; nem as lagrimas de sangue, por serem mudas, deixaram de cair eloquentes n'esse calix de amarguras que entre doçuras

venenosas todos bebemos mais ou menos, e que se chama a vida!

Esta proposição esquecida na obra franceza é o texto dos *Homens de Marmore*; sómente o poeta entendeu bem, que na existencia social, como na individual, os extremos tocam-se, o bem e o mal repellem-se, e o cynismo, se dá o braço á preversidade opulenta vê logo diante, com os olhos firmes e de cabeça alta, a honra amparando a innocencia, e inclinando-se ao infortunio virtuoso.

Eis o que representam no drama portuguez as figuras do pintor Fernando, e das duas filhas de D. Luiz, Ignez e Beatriz; uma ingenua e pura desde a primeira hora, a outra desditosa por um impeto apaixonado, porém merecedora do perdão, que a levanta das humilhações da culpa.

Simplicio Lobo, Estevão de Moura, e Diogo Travassos — corações de pedra com planos e fins diversos — quasi resumem entre todos tres o que ha de mais ignobil e corrosivo nos caracteres depravados, que passeiam impunes de frente das victimas, e aos quaes uma tolerancia incomprehensivel permite liberdades e condescendencias, negadas com dureza a menos vergonhosas e nocivas acções.

D. Luiz, o fidalgo velho, o homem do passado perdido no presente, préza a honra acima de tudo, e se não hesita em sacrificar á ostentação nobiliaria a felicidade de uma filha, expia nobremente o erro; quando suffocado em prantos abre os braços a Beatriz, estala-lhe no peito a delgada capa de pedra, com que o orgulho de raça lhe resfriava os impulsos de um animo generoso.

De todos os caracteres da peça o mais completo é seguramente o do usurario Simplicio Lobo, apesar dos toques exaggerados, que auctorisam a arte para os effeitos da perspectiva dramatica.

N'esse, nem uma fibra deixou de se petrificar, nem um instincto bom fesistiu ao insaciavel appetite, que o devora.

As lagrimas fazem-o rir; no seu peito em vez de coração existe uma taboada de cambios; e á força de conhecer e explorar as torpezas de certa roda, cegando com o atheismo moral chegou ao desprezo absoluto por toda a humanidade!

Porque viu de rastos atraz das suas arcas de dinheiro um bando de prodigos famintos, ou de pelotiqueiros de sociedade, julgou a virtude fabula, e o mundo uma enxovia,

em que os bons e probos só se distinguíam dos malvados e miseráveis por um vício de mais — a hypocrisia!

Depois d'este, Estevão de Moura segue-se como cynismo, e como desenho acabado.

A sua industria de casamentos, e os methodos infames, por que a exerce, tomam duplo relevo nas bem delineadas scenas, em que se descobre, fazendo gala da devassidão, e especulando até com as repugnancias, que excita.

De certo, em outro qualquer drama, terminaria a acção no terceiro acto com o perdão de D. Luiz a Beatriz, e com as bellas palavras de Ignez e de Fernando; toda a paixão que as situações comportam, rebentou ali; e o que accresce, nos actos IV e V, são puros complementos philosophicos, necessarios ás conclusões da peça, mas estranhos ao pathetico e ao nó sentimental, que a enreda.

Ignez em casa de Simplicio Lobo, e o desenlace final, aperfeioam os traços das duas physionomias de marmore do usurario e do cynico, porém nada apertam, e nada influem no sentimento dramatico tomado pelo aspecto mais restricto.

A unidade entendida pela antiga regra mandaria cair o panno sobre as derradeiras phrases de Fernando no terceiro acto; mas a unidade philosophica perderia o valor, ou antes, ficaria mutilada sem os dous actos, que a explicam.

De mais, o risco era para o auctor, que se expunha á indifferença da platéa depois dos lances magoados da reconciliação; desde que desprezou com decisão velhos e estreitos moldes, arrostou com elle, e levou a pintura até onde devia, para a fazer completa, só cabe á critica o louvor, confirmado pelos applausos publicos; a platéa, juiz supremo n'estes pontos, pode illudir-se com os rasgos de paixão, mas nunca as combinações mais frias de verdade philosophica a enganarão.

O breve espaço, de que disponho, não consente mais; emitti apenas asserções despidas de provas, e opiniões sem desenvolvimento, que talvez parecem confusas, ou paradoxaes; mas não podendo alongar-me, só registei um voto humilde, que todos apreciarão no que valer; por mais baixo, que o ponham, ainda o julgam muito acima do que eu entendo que merece.

Lisba, o17 de dezembro de 1854.

L. A. REBELLO DA SILVA.

PROLOGO DO AUCTOR.

PERMITTA-SE ao auctor da presente composição explicar em breves palavras o seu pensamento.

Dos dous dramas *Les Filles de Marbre*, e *La Dame aux Camélias* nasceu a idéa d'este. E' o unico ponto do contacto que tem com aquelles!

Na familia e na sociedade o papel da mulher é geralmente passivo. O homem é o agente. Quando ella inverte as condições, e já depois de perdida. Foi ainda a acção do homem que provocou a reacção.

Rasgados os foros que a nobilitavam, mudou-se a perspectiva da sua existencia. Desterrada do lar, vinga-se no mundo, tornada em força devastadora a fraqueza soberana. Não condemnemos só, nós que somos partes e juizes ao mesmo tempo. Fóra iniquidade. Deploremos. Sejámos sobre tudo equitaveis. Penitenciemo-nos. Restituámos á verdade o que é seu.

Era justo repartir a cada qual o seu quinhão de responsabilidade, para que apaendessem na lição os efeitos e as causas, o perigo e as razões d'elle.

Foi o que tentou fazer o autor dos *Homens de Marmore!*

Uma triplice idéa inspirou a sua obra: — a idéa moral, a idéa social, a idéa humana. Por consequencia, grupando, em torno de uma acção, os caracteres que intentou desenhar, obrigou-se a tres logicas, permitta-se-lhe a expressão — á logica da paixão, que representa a humanidade; á logica do sentimento, que representa a moralidade; á logica da acção, que representa a sociedade.

Eis o aspecto, triplicado tambem, que elle julga corresponder á concepção. Expondo-o, não sollicita indulgencia; allega a difficuldade. Sabe que a censura tem direito de tornar-se exigente, proporcionalmente á ousadia do committimento; mas não declina nenhuna parte da responsabilidade, porque voluntariamente a assumiu!

A insensibilidade absoluta não é d'este mundo. Em todos os corações, mesmo depois de petrificados, fica um lado impressionavel. O philosopho convencia o sceptico dizendo-lhe: «Crês que não crês? Logo já crês em alguma cousa.» A causa, que insensibilizou um homem para tudo o que não é essa causa, é justamente o seu ponto sensivel. Assim, cada excessão tem em si mesmo o germen do seu castigo. E' debaixo d'este ponto de vista, que, na actual composição, o cubiçoso — e esse antes de todos — succumbe sob a propria cubiça; o ambicioso sob a propria ambição; o especulador sob a propria especulação; o usurario — que o auctor levantou no alto do grupo, como symbolo vivo do ouro, a realeza do seculo — o usurario, diz, sob a propria fortuna em ruinas! Tudo estava morto n'aquelles homens, menos a dobra occulta em que velava a paixão petrificante e dominadora de cada um. Só ali podia ser ferido; só aquella paixão podia feril-o. E' o que succede!

Se lhe fosse permittido fazer sentir uma circumstancia, minima talvez, que todavia completa a sua idéa, o auctor lembraria que a imprensa, a grande voz da publicidade, o instrumento, que, nas mãos do mais astuto, se torna, só pelo terror do seu vulto, a chave da dominação, é quem lhe traz, com a indifferença habitual, a catastrophe, que o não poupa, como elle não poupára os outros!

E aqui toma ainda o auctor a liberdade de registrar uma reflexão: — nas *Filles de Marbre* a idéa não se completa, porque se não chega a sentir o fraco inevitavel e logico d'aquelle typo da venalidade do amor, já insensivel ao desprezo. E com tudo lá está, nas proprias condicções d'essa existencia só de vaidade. A venalidade traz a saciedade; a saciedade o abandono; o abandono, a miseria e obscuridade — o supplicio verdadeiro d'aquellas almas, mais metalicas do que marmoreas.

Seja licito ao auctor concluir, indo ao encontro de alguns reparos, cuja plausibilidade antecipadamente reconhece.

Os caracteres mais puros — os do artista e de Ignez —

não são todavia irreprehensíveis. Para isto ha só uma resposta: se o fossem, seriam humanos? Ignez, no meio da abnegação, tem um instante de egoismo, esquecendo a dor alheia na propria felicidade. O artista leva os melindres até ao orgulho.

O auctor pensou que os typos absolutamente perfeitos eram impossiveis, e que a scena deve representar o mundo.

A repulsão da filha pelo pae, no final do 2.º acto, pode parecer dureza demasiada em tal situação. O auctor tomará a liberdade de recordar que esse pae, na scena immediatamente anterior, recebe ultrajes tremendos, de que ella é causa a seus olhos; vem ainda sob a impressãõ de um castigo, que, na sua consciencia, conhece ter merecido, e que, por isso mesmo, o torna de uma severidade, inexoravel como a justiça que o feriu.

O perdão do 3.º acto é possivel que se julgue contradictorio com aquella dureza. Cumpre observar-se que, a este tempo, já o character de D. Luiz está modificado, como se modificam todos os characteres, pela provação; que não é rigidido com a filha culpada senão porque a Providencia o foi com elle, punindo-o por ella; e que a dedicação que o rodea, e se lhe manifesta nas horas adversas, deve necessariamente embrandecel-o, attrahindo-o para sentimentos de indulgencia, imperiosos sempre n'um coração de pae.

O auctor, citando estas circumstancias, não quer fazer ver se não que procurou legitimar as perepecias do coração, empregando todos os agentes racionaes, estudada a verdade. Não faz uma apologia; reconhece a necessidade de uma justificação.

Uma derradeira observação, e termina. Nos characteres affectuosos, o raio da esperanza irrompe natural d'entre as proprias catastrophes. N'aquelles, que aprenderam na culpa o arrependimento e não se endureceram no crime, das consequencias do erro saem os elementos da expiação. Nas organisações em parte petrificadas, tocado o ponto vulneravel, o desastre é completo.

Pareceu ao auctor que era esta — para conservar até ao fim a sua idéa — a triplice logica da humanidade, da moralidade, e da sociedade!

29 de Março de 1854.

MNEDES LEAL.

PERSONAGENS.

D. LUIZ COUTINHO.

D. BEATRIZ.

D. IGNEZ.

ESTEVIÃO DE MOURA.

DIOGO TRAVASSOS.

SIMPLICIO LOBO.

FERNANDO DE LIMA.

D. LEONOR MARTINS.

VENANCIA.

MANUEL MARIA.

O DOUTOR.

CRIADOS.

ACTO I

UMA SALA INTERIOR. LUXO ARISTOCRÁTICO.
REPOSTEIROS COM ARMAS, ETC.

SCENA I

D. BEATRIZ, D. IGNEZ, E VENANCIA.

Ao levantar do pano sente-se fóra o rodar de uma carruagem. Pouco depois entra D. Beatriz, acompanhada da aia Venancia, que se retira pela direita. Vêem ambas de chapéus como quem volta de fóra. Ao encontro de D. Beatriz sae da esquerda D. Ignez.

D. IGNEZ—Senti a carruagem... *(dando-lhe um beijo)*
Como vens animada!... Então, achaste o que precisavas?

D. BEATRIZ—Uma grinalda e algumas fitas. Não me era necessario mais.

D. IGNEZ—Vamos a ver.

D. BEATRIZ—Deixei-as separadas. Mandam-m'as logo.

D. IGNEZ—E' bonita a grinalda? Escolhida por ti, ha de ser. Mas grinaldas não te enfeitam: tu é que enfeitas as grinaldas.

D. BEATRIZ—Lisongeira!

D. IGNEZ—Não sou: *(levando-a ao espelho)* Olha.

D. BEATRIZ—Sabes uma cousa, Ignez?

D. IGNEZ—O que é, meu amor?

D. BEATRIZ—Tenho quasi remorsos de ir a esta reunião.

D. IGNEZ—Porque?

D. BEATRIZ—Todo o luxo é para mim... todas as festas são para mim. E tu, minha boa irmã?...

D. IGNEZ—Eu tenho o orgulho do teu luxo, tenho o prazer das tuas festas.

D. BEATRIZ—Mas sempre em casa...

D. IGNEZ—Não me queixo. nem me peza. Vivo contente assim. Revejo-me na tua belleza quando partes; consolo-me das minhas saudades quando voltas.

D. BEATRIZ—E não sentes esta desigualdade que te condemna á solidão (*suspirando*)... e a mim ao prazer forçado?

D. IGNEZ—Não sinto. E' vontade de nosso pae. E se elle assim o quer, é porque o entende melhor. Parece-me até adivinhar porque.

D. BEATRIZ.—Parece-te?

D. IGNEZ—Advinho. E' razão. Tu és a morgada e a herdeira. Tens as esperanças e o futuro. Eu... que havia de ir eu fazer a esses bailes? Receber cumprimentos de complacencia, que são quasi um insulto, ou quando muito, o olhar compassivo e affrontoso de algum especulador, que fez fortuna gastando a alma?... Não, minha querida Beatriz; prefiro esta solidão ainda povoada das minhas rissonhas memorias da infancia. Compreendo a elevada resolução de nosso pae. Não tenho inveja das diversas condições da nossa vida... não tenho ciumes das preferencias de que és objecto... São justas, são merecidas... E são para minha irmã! Queres que te diga? Uma só cousa me desgosta

D. BEATRIZ—Qual?

D. IGNEZ—Somos filhas de dois differentes matrimonios. No primeiro, de que tu nasceste, nosso pae, que preza tanto a sua nobreza, alliou-se a uma senhora, que em tudo lhe era igual. No segundo, de que eu nasci, procurando restabelecer a sua casa por um consorcio de conveniencia, desposou uma senhora, pertencente a uma familia de negociantes honrados, mas inferior em condição. O dote desempenhou o morgado; e ainda bem, porque ao menos podes tu ser feliz. Mas eu herdei só, aos olhos de nosso pae, o sentimento de uma differença de classe, que

aceitou como necessidade, mas que nunca talvez perdoou a si mesmo. E é isso o que me custa, porque ahi não ha distincção de existencia, ha peor: ha distincção de amor.

D. BEATRIZ—Mas nosso pae não pode ter esquecido as virtudes de que és tambem herdeira. Perdendo minha mãe no berço achei, n'essa senhora, outra mãe, não menos disvellada. que sabia repartir com egualdade o affecto á filha que achára, e ao anjo que Deus lhe dera. Nosso pae sabe apreciar todos os meritos, e sabe tambem que n'ella encontrou uma companheira fiel, e uma esposa dedicada. e tu, minha Ignez, tambem o sabes—a verdadeira orphandade começou para mim quando ha dous annos a perdemos. (*limpando as lagrimas*)

D. IGNEZ (*enternecida*) Sei... Mas não chores Beatriz... Queres levar os olhos vermelhos para a tua reunião? Olha, meu amor, ha cousas que não se explicam; mas são assim, D'antes, quando um homem, como nosso pae, padecia revezes de fortuna, chegava-se ao rei, que era o chefe da nobreza, e o rei talhava-lhe, com a ponta da espada. uma porção de terra, na Africa, na America, ou na Azia, que era dez vezes mais do que elle precisava. Hoje ha outra realeza, e a fidalguia sente muita vez a necessidade de solicitar o dinheiro, como outr'ora solicitava sem vergonha a magestade. Aceita-se então o beneficio; mas fica doendo, incuravel, a ferida da humilhação.

D. BEATRIZ—E onde foste aprender essa alta philosophia, minha joia?

D. IGNEZ—A solidão faz pensar... e n'este ponto has de convir que me não falta tempo.

D. BEATRIZ—Não me queres mal por isso Ignez?

D. IGNEZ—A ti!... porque?... Nem a ti, nem a ninguém. Porque és mais bella, porque és mais rica, porque és mais festejada?... Pois não me toca tambem um quinhão de tudo isso? Esperando-te, sinto como um echo da tua felicidade. Quando voltas trazes-me um raio da tua alegria, e o perfume das tuas flores. Não quero mais... não preciso mais... Vamos: olha que são horas... Um al-

moço dançante, como o de hoje, é serio... Depois ha-de-se estar no ultimo instante a pensar no *toilette*... ah! Aposto que te não lembrou o ramo?

D. BEATRIZ (*distrahida*)—E' verdade, esqueceu-me.

D. IGNEZ—Vês?... (*indo buscar-o*) Mas não me esqueceu a mim—arranjei-o eu mesma... violetas e rozas de Alexandria, é a tua paixão, não é?

D. BEATRIZ (*distrahida*)—E'.

D. IGNEZ—Como estás preocupadal—(*como acertando com a causa*) Ah!

D. BEATRIZ (*reparando*)—Que?

D. IGNEZ—Nada (*maliciosa*) Como diria alguem do meu conhecimento... (*imitando com modo grave as cortesias de um homem.*) «senhora D. Beatriz, permitta v. ex.^a que lhe offereça estas flores; rozas e violetas são modestia e formusura » Hem! que tal?

D. BEATRIZ (*acceitando o ramo, e sorrindo melancolica*)—Obrigada, meu gentil cavalheiro.

D. IGNEZ (*com intenção*)—Dirias exactamente isso?

D. BEATRIZ—Exactamente... não.

D. IGNEZ—Mas pouco mais ou menos.

(*Entra D. Luiz Coutinho — 50 annos — aspecto severo — antigo militar. A' sua entrada as duas meninas parecem intimidadas.*)

SCENA II

AS MESMAS, E D. LUIZ COUTINHO

D. LUIZ—Fizeste as tuas compras, Beatriz?

D. BEATRIZ—Estão feitas. A modista disse-me que amanhã mandaria aqui receber a conta do anno.

D. LUIZ (*contrariado*)—Ah!... Pode mandar. (*toca uma campainha: entra Manuel Maria*)

SCENA III

OS MESMOS, E MANUEL MARIA.

D. LUIZ (*continuando*)—Manuel Maria, mande o Rodrigues n'um instante a casa do senhor Simplicio. Que lhe diga da minha parte, se pode passar quanto antes por aqui. (*Manuel Maria sae*)

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS MANUEL MARIA

D. LUIZ (*continuando*) Falta-te alguma cousa, Beatriz?

D. BEATRIZ—Nada, meu pae.

D. LUIZ—Então porque não trataas dos teus preparativos? A's duas horas havemos estar em casa do ministro de França.

D. BEATRIZ—E' pouco mais de meio dia.

D. LUIZ—Não importa. As disposições de um *toilette* são longas: e, hoje sobre tudo, desejo que appareças superiormente.—O seu mestre de desenho não veio, Ignez?

D. IGNEZ—Não tarda ainda. Até á uma hora não é tarde.

D. LUIZ—Se lhe cança os olhos, ficará a lição para outro dia.

D. IGNEZ—Não, meu pae, não me faz mal. E' uma distracção, e confesso-lhe que tinha empenho de ver se acabava a minha *Senhora das Dores*.

D. LUIZ—Pois então como quizer. Acompanhal-a-ha a sua aia, Beatriz, verás que ainda te hei de esperar.

D. IGNEZ (*para Beatriz*)—Vamos, minha irmã; eu te ajudarei em quanto não vem o meu mestre.

D. LUIZ—Olha que as horas passam depressa, e ha muito que arranjar. (*á parte, em quanto as duas se encaminham á esquerda*) Esta situação é intoleravel! (*alto*)

a Beatriz que pára com sua irmã junto á porta dos quartos) A proposito, Beatriz, logo, na reunião do Embaixador de França, hei-de-te apresentar um cavalheiro da provincia, que chegou ha pouco. E' pessoa de muita estimação, de uma casa illustre, e ainda nosso parente. Quero que o recebas com agrado.

D. BEATRIZ—Basta ser apresentado por meu pae.

D. LUIZ—Não; com mais agrado do que outro qualquer.—D. Christovão Manuel... a pessoa que te quero apresentar... é hoje senhor de uma casa immensa; e, além d'isso, nosso primo... não sei em que grau.

D. BEATRIZ—N'esse caso, o parentesco é sufficiente.

D. LUIZ—O parentesco... e mais alguma cousa. Seu pae escreveu-me. Todas as condições estão estipuladas.

D. BEATRIZ (*tremula*)—Condições!

D. LUIZ—Vel-o-has hoje... Amanhã será recebido como noivo. E, tiradas as dispensas... será teu marido.

D. BEATRIZ (*juntando as mãos, vacillante*)—Oh! meu pae!

D. LUIZ (*severamente*)—Que é? Parece-me que pretendes fazer observações, depois de eu dizer—quero!

D. BEATRIZ—Essa ordem... assim... de repente... sem estar preparada.

D. LUIZ—Que mais é necessario para obedecer?—Prevenida, já o ficas.—Terias outros projectos?

D. BEATRIZ—Eu... (*debulhando-se em lagrimas*) Oh! meu Deus! meu Deus!

D. LUIZ—Esta alliança é necessaria... e está decidida.

UM CREADO (*annunciando*)—O senhor Estevão de Moura.

SCENA V

OS MESMOS, E ESTEVÃO DE MOURA

D. LUIZ—(*á parte*)—Importuno!

ESTEVÃO—Sou talvez indiscreto, sr. D. Luiz. Apresento-me cedo de mais. A culpa é de v. ex.^a que tor-

na tão amavel e desejada a sua casa, e a sua sociedade.

D. LUIZ—Não é indiscreto: eu é que o fuiz talvez em o não prevenir hontem. Sãfmos hoje.

ESTEVÃO—Ah! sahem!

D. LUIZ—E' o almoço dançante do ministro de França.

ESTEVÃO—E' verdade. Agora me lembra que recebi tambem um convite: (*com os olhos em D. Beatriz*) Tinha-me esquecido, vindo aqui... e como estou no habito de ser recebido sem cerimonia...

D. LUIZ—Dei ordem de avisar as nossas visitas... Queira perdoar.—Foi, provavelmente descuido dos creados.

ESTEVÃO—E' uma perda... que tem a sua compensação. Provavelmente encontrar-nos-hemos no almoço. (*cumprimentando as meninas e indo a ellas*) Minhas senhoras! — Eu sei o que são semelhantes reuniões. Não perdoaria a mim mesmo a culpa, se me julgasse causa de demora. (*em voz baixa a Beatriz*) Lagrimas! (*Beatriz afasta-se vivamente, e vae a seu pae, com que parece conversar com animação.—A Ignez, rapido e baixo*) Que é?

D. IGNEZ—Meu pae ordenou-lhe um casamento.

ESTEVÃO—A sua irmã! E ella acceita?

D. IGNEZ—Que remedio terá? (*afastando-se*)

ESTEVÃO (*afastando-se tambem — á parte*) Veremos!

D. LUIZ (*a Beatriz, em voz baixa e imperiosa*) Has de ir.

D. BEATRIZ (*do mesmo modo*)—Oh! meu pae! — Se for, levo estas lagrimas... Por alma de minha mãe, que está no ceu!... por alma d'aquella que segunda vez me deixou orphã!... (*como para ajoelhar*)

D. LUIZ (*erguendo-a vivamente, e em voz alta*) Que te caiu?—(*baixo*) Não vês onde estás!... Quero, é irrevogavel. (*Manuel Maria entra—D. Luiz repara n'elle*) Ah! é você, Manuel Maria!—O Rodrigues foi? (*falla um*)

instante animadamente com o creado.—N'este intervallo Estevão vae a D. Beatriz)

ESTEVÃO (*em voz baixa*)—Sei tudo.

D. BEATRIZ (*baixo e vivo*)—Tudo está perdido.

ESTEVÃO (*idem*)—Se quizer, tudo está salvo.

D. BEATRIZ (*idem*)—Só espero n'uma derradeira supplica.

ESTEVÃO—Será inutil.—Espere n'uma resolução extrema.

D. BEATRIZ (*encarando-o severamente*)—Poupe-me a offensa. (*indo a D. Ignez que folhêa um album*) Vens, Ignez?

D. IGNEZ—Estou ás tuas ordens.

ESTEVÃO—V. ex.^a vae...

D. BEATRIZ (*severamente*) Obedecer a meu pael (*Estevão inclina-se; as duas meninas saem*)

ESTEVÃO (*á parte*)—Ha de entregar-m'a o rigori

D. LUIZ (*a Manuel Maria*)—Bem. Não saio sem elle vir. Façam-no entrar para aqui, apenas chegar. (*Manuel Maria sae*)

SCENA VI

ESTEVÃO, e D. LUIZ COUINHO

ESTEVÃO—Conta ir muito cedo, senhor D. Luiz?

D. LUIZ—A's duas, horas, porque até essa hora espero uma pessoa com quem tenho de fallar em particular.

ESTEVÃO—Ah! (*vae pegar no chapéu*) N'esse caso retiro-me. E' natural que eu vá mais tarde.

D. LUIZ—Visto achar-se aqui, senhor Estevão de Moura, tomarei a liberdade de lhe participar um acontecimento, que brevemente será publico, e que de certo lhe interessa na qualidade de intimo da familia. (*á parte*) Verificarei a suspeita.

ESTEVÃO—Queira v. ex.^a dizer.

D. LUIZ—Para as pessoas que frequentam esta casa

tão assiduamente, não deve ser segredo. Vou casar minha filha Beatriz.

ESTEVÃO (*sem se alterar*)—Ah!... Dou-lhe os meus parabens.

D. LUIZ (*observando-o*)—E' a primeira pessoa que o sabe.

ESTEVÃO—Agradeço a preferencia.

D. LUIZ—E como não ha nada que possa estorvar este casamento, não lhe recommendo segredo.

ESTEVÃO—Visto isso, é negocio decidido?

D. LUIZ (*observando-o*)—Perfeitamente decidido. Digo-lhe isto, senhor Estevão de Moura, porque é possível que outras pessoas se tivessem lembrado de minha filha... Não é orgulho de pae; mas uma herdeira como ella... que não deixa de ter alguns dotes.

ESTEVÃO (*com intenção*)—E um dote!

D. LUIZ—Justamente... N'este caso o *singular* é mais significativo que o *plural*... Uma herdeira como ella, dizia eu, podia ter excitado aspirações... que me honrariam infinitamente... mas que não devo authorisar, porque a minha escolha, fundada em mutuas conveniencias, está irrevogavelmente feita. Por exemplo, um mancebo... como o senhor Estevão de Moura... a quem nada ha que dizer pelo lado da familia; mas que pelo da fortuna...

ESTEVÃO—Queira v. ex.^a perdoar, senhor D. Luiz. Parece-me inutil a justificação, quando ninguem faz objecções. Penso que, em semelhante assumpto, nunca revelei a v. ex.^a nem interesse pessoal, nem missão de intermediario. Assim...

D. LUIZ (*caíndo em si*)—Ah!... Tem razão. Ia commettendo uma inconveniencia. Conhece bastante o mundo para desculpar estas preocupações de pae.

ESTEVÃO—Como, senhor D. Luiz!... Nada tenho que desculpar e muito para agradecer: escolheu-me por confidente!—V. ex.^a dá-me as suas ordens?

D. LUIZ—Vel-o-hemós logo então?

ESTEVÃO—Certamente. (*D. Luiz acompanha-o até à porta; despedem-se*)

SCENA VII

D. LUIZ (*só*)—Não é elle. Era impossível tamanha presença de espirito!... Mas Beatriz ama alguém... diziam-nos aquellas lagrimas... Quem será? Seja quem fôr... que importa? O que resolvi ha de ser: é indispensavel.

UM CREADO (*annunciando*)—O mestre de desenho das meninas.

D. LUIZ (*ao creado*)—Previna a sua aia, e faça avisar a senhora D. Ignez. (*entra Fernando, depois de sair o creado*)

SCENA VIII

FERNANDO DE LIMA, E D. LUIZ

D. LUIZ (*a Fernando que entra*) A sua discipula não tarda. Hade-me desculpar, que tenho de dar algumas ordens.

FERNANDO—Esperarei... não tenho pressa. (*D. Luiz sae*)

SCENA IX

FERNANDO DE LIMA (*só*)—Vel-a-hei alguns instantes só... Ai! fôra talvez mais prudente deixar de vir a esta casa! A que posso eu aspirar?... (*Entram de um lado a aia Venancia, que vae sentar-se a uma banca de costura, a pouca distancia da meza do desenho; do outro lado Ignez, que vem alegremente ao encontro de Fernando*)

SCENA X

FERNANDO, D. IGNEZ, E VENANCIA.

D. IGNEZ—Já o esperava com impaciencia. Cuidei que não vinha.

FERNANDO (*amorosamente*) Podia pensal-o?

D. IGNEZ—Não o accusava. Sei que lhe é preciso o tempo... Sei que o não espediça... e um trabalho como o seu chega ás vezes a assustar-me.

FERNANDO—Obrigado, minha senhora, por esse interesse, que é a minha recompensa maior... Que quer v. ex.^ª?... Nós outros artistas, em Portugal, somos obrigados a tentar tudo, a fazer tudo, quando queremos tirar do trabalho a independencia... Accusam-nos por isso... E' porque não vêem a estreiteza do paiz.

D. IGNEZ—Mas sabe que é um grande sacrificio descer a dar lições de desenho um pintor da sua reputação?

FERNANDO—Um sacrificio!... Diz isso por si?

D. IGNEZ (*estendendo-lhe a mão*)—Por mim, não: fôra ser ingrata!—Mas,.. pelos outros...

FERNANDO—E' necessidade.— Lá fora, cobrem de ouro as tellas; e o trabalho de um mez é a fortuna de dez annos—Aqui, é preciso todo o trabalho e todos os dias para alcançar essa independencia de que fallo—contente de si todavia, quando foi legitimamente conquistada.

D. IGNEZ—Mas a pintura não tem patria... e se fosse o França...

FERNANDO—(*fitando-a*) Sabe se eu podia ir?

D. IGNEZ (*com ternura e modestia*)—Sei só que não tenho direito de dispor assim de uma vida.

FERNANDO—Minha senhora, é dever meu recomendar-lhe a prudencia... (*indicando-lhe a aia*)

D. IGNEZ (*nobrememente*)—Para nos guardar basta a nossa lealdade (*com gentileza*) Para nos ouvir... (*indicando-lhe surdez*) a minha aia é discreta, e, como sabe, aprecia a minha escolha.

FERNANDO—Bem sei; mas tremo pela sua tranquillidade—Quer principiar a lição? (*sentam-se á meza, tiram desenhos das pastas etc.*)

D. IGNEZ—Aqui está o seu esquisseto da Virgem de Raphael (*encarando-o*) E' a primeira cousa que me vem

sempre á mão. Hade julgar-me vaidosa; mas figurou-se-me o outro dia... que se parecia commigo.

FERNANDO—Não se enganou. Copiando o mestre, o lapis reproduzia feições adoradas.

D. IGNEZ (*vivamente*) Acabâmos hoje a minha Senhora das Dores?

FERNANDO—Ai! Ignez, Ignez, ahi está porque eu tremo até das minha palavras! A realidade está ao pé do sonho... e a realidade sinto-a sobre tudo quando vejo que treme como eu.

D. IGNEZ (*buscando sorrir*)—Mas eu não tremo. Veja como são firmes estes traços. Já dão honra ao professor, não dão?

FERNANDO—Que situação a minha!... Que posso eu esperar, Ignez? Não vê a differença das nossas condições?

D. IGNEZ—Que pode esperar? Tudo.—Sabia já essa differença quando acceitei o seu amor... e acceitei-o porque mentiria recusando.—Nem lhe era possivel occultar o que sentia... (*gentilmente*) Antes de dizel-o, tinha-o adivinhado—Não sabia disfarçar-se—Não é tanta a differença como pensa. Uma filha segunda a nada aspira, e as artes são hoje tambem uma nobreza. Este amor, tão franco e tão puro de parte a parte, enche o meu êrmo querido, e torna-o mais festa do que as festas esplendidas. Amo por isso esta solidão. Amo-a porque n'ella e por ella posso esperar.—Se não pudera, desenganava-o... para me não enganar.

FERNANDO—Mas seu pae é inflexivel!

D. IGNEZ—Com minha irmã não digo... Mas comigo, que já nasci d'outra alliança!... (*com subita reflexão*) Oh! calemo-nos, Fernando, calemo-nos!

FERNANDO (*assustado*) Porque?

D. IGNEZ—O inlevo d'esta felicidade fazia-me esquecer, e o sentimento d'ella é quasi um sacrilegie!

FERNANDO—Como?

D. IGNEZ—Em quanto aqui fallâmos de amor e de esperanças, ha lagrimas ali... lagrimas tambem minhas... quasi nossas... lagrimas de minha irmã!

FERNANDO—Que tem ella?

D. IGNEZ—Meu pae quer fazer-lhe um casamento.

FERNANDO—E ama outro?

D. IGNEZ—Ama.

FERNANDO—Outro, talvez no meu caso... Ahi está.
—Olhe esse exemplo... veja se tenho razão.

D. IGNEZ—Engana-se. O que ella ama é seu egual em nascimento.

FERNANDO—Então...

D. IGNEZ—Falta-lhe a fortuna... e, o que é ainda peor, faltam-lhe talvez os meios de adquiril-a. Bem vê que a sua condição é superior: tem o trabalho.

FERNANDO (*amargamente*)—O trabalho? Raros o contam como fortuna.

D. IGNEZ (*gentilmente*)—Eu sei contar.—Nota-se producto de algum trabalho que excede o juro de grandes capitaes, não é verdade? Ha só uma differença. O capital gasta-se... e o talento cresce.

FERNANDO—Quando o anima a esperança —(*vendo entrar D. Luiz*) Mais expressão de dôr no semblante. (*indica-lhe o desenho*).

SCENA XI

OS MESMOS, E D. LUIZ.

D. IGNEZ (*percebendo-o e desenhando*)—Assim?

FERNANDO—Excellentente.

D. LUIZ (*examinando o desenho por cima do hombro de D. Ignez—Vem já vestido para o baile*)—Excellentente na verdade (*para Fernando*) Está contente com a sua discipula?

FERNANDO—Quem o não estaria? V. ex.^a bem vê.

D. LUIZ—Beatriz tem menos tempo de seu, e estimo que Ignez ache prazer n'estes exercicios da arte.

D. IGNEZ—O maior que posso ter, meu pae!

D. LUIZ—As artes em todo o tempo foram nobres...

(*vendo entrar Manuel Maria*) Ah!—Chegou? (*Manuel Maria faz signal affirmativo*) Bem: mande entrar. (*a Fernando*) Tenho que receber uma pessoa com quem desejo tratar negocio particular. Se não o encommoda passar a outra sala...

FERNANDO (*levantando-se*)—Como v. ex.^a determinar.

D. IGNEZ—No gabinete que deita para o jardim. (*Ignez vae a Venancia que se ergue e a acompanha. Fernando segue-as, levando a pasta do desenho e o lapis*)

SCENA XII.

D. LUIZ (*só*)—Esta contenta-se com a vida que leva... e é uma fortuna para ella... A outra, não o diz, mas aspira a mais.

SCENA XIII.

D. LUIZ E SIMPLICIO, (*exterior humilde, cumprimenteiro e officioso*).

SIMPLICIO—V. ex.^a mandou-me chamar?

D. LUIZ (*fechando a porta*)—Mandei: Queira sentar-se.

SIMPLICIO (*hesitando*)—Depois de v. ex.^a

D. LUIZ (*sentando-se*)—Sente-se. (*Simplicio assenta-se na borda da cadeira, cofando o chapéu seberto com a manga da casaca—D. Luiz continúa*) Sem preambulos. Preciso dois contos de réis.

SIMPLICIO (*hesitando*)—De certo... tenho muita honra em... Mas tomarei a liberdade de observar a v. ex.^a que todos os seus bens estão hypothecados...

D. LUIZ (*atalhando*)—Bem sei. Não importa. Preciso este dinheiro a todo o custo.

SIMPLICIO—Perdão .. se v. ex.^a está lembrado, creio que me deve já 38 contos.

D. LUÍZ—Pelos quaes tem obrigações minhas e escripturas de 76... Exactamente o dôbro.

SIMPLICIO—Que quer v. ex.^a?... os tempos vão tão mal! E depois bem vê... está-se todos os dias a fallar na lei dos morgados...

D. LUÍZ—Que mal lhe vinha d'elle? Ganhava cincoenta por cento immediatamente, e deixava-nos a pedir.

SIMPLICIO (*humildemente*) Oh! senhor D. Luíz!

D. LUÍZ—Vamos ao que importa. Preciso d'este dinheiro infallivelmente. Tenho que pagar amanhã tresentos mil réis, pouco mais ou menos; e o resto é-me necessario para o casamento de minha filha Beatriz.

SIMPLICIO (*puxando a cadeira*) Ah! v. ex.^a casa sua filha mais velha!

D. LUÍZ—Caso. As condições são pagar as dividas do morgado. Assim bem vê que este desembolso é em seu proveito.

SIMPLICIO (*hesitando*) Seguramente... Mas v. ex.^a conhece que ha viver e morrer... e... sem hypotheca...

D. LUÍZ—Quanto lhe parece que val a mobilia d'esta casa, as carruagens, os cavallos... tudo enfim?

SIMPLICIO—Cinco contos de réis talvez?... Quatro?

D. LUÍZ—Cinco, tinha calculado bem. Passo-lhe uma obrigação de quatro contos, com hypoteca sobre tudo... serve-lhe?

SIMPLICIO—Veja porém v. ex.^a que nada mais lhe resta.

D. LUÍZ—Sei.—Senhor Simplicio, tem sido até agora homem de segredo... Vou-lhe confiar cousas que só Deus sabel—Com os acontecimentos de 1834 perdi a melhor parte dos meus rendimentos, que era em soldos e commendas. Não tive forças de humilhar-me, e continuei a viver como sempre tinha vivido... As despezas da guerra já me tinham feito empenhar...

SIMPLICIO—O resto foi empenhado para sustentar o mesmo esplendor.

D. LUIZ—Conhece-o: ha muito que tratamos ambos. Este caminho é rapido...

SIMPLICIO—O segundo casamento de v. ex.^a remediou tudo.

D. LUIZ—Foi integralmente pago então, não é verdade? (*gesto de humilde assentimento da parte de Simplicio*) As mesmas causas trouxeram depois os mesmos effeitos.

SIMPLICIO—Se v. ex.^a tivesse querido voltar ao exercito.

D. LUIZ—Aceitar um posto inferior ao que tinha ultimamente alcançado!... jurar as bandeiras vencedoras!—Conhece-me pouco, senhor Simplicio.

SIMPLICIO—Queira v. ex.^a perdoar.

D. LUIZ—Tinha uma filha, herdeira do meu nome e da minha casa; precisava educal-a e apresental-a no mundo; não queria que minha segunda mulher, tendo restabelecido com a sua fortuna essa casa, a visse nunca n'outro pé. Em summa, de emprestimo em emprestimo, cheguei á situação que sabe. Vinte vezes tentei parar no caminho: não podia com a vergonha. Era destino ou fatalidade. Esta situação ninguem mais a conhece, não é verdade? (*assentimento de Simplicio*) Tem ouvido fallar na familia do D. Christovão Manuel?

SIMPLICIO—E' a mais poderosa de Traz-os-Montes.

D. LUIZ—Vejo que está bem informado. O pae de D. Christovão é meu parente. Escreveu-me, pedindo para seu filho a mão de minha filha mais velha. Por mais que me custasse, era da minha lealdade confiar-lhe a posição em que me achava. Entre homens como nós, não era difficil o accôrdo. Tudo se combinou. A mãe de D. Christovão era das familias mais ricas do Porto. Como lhe disse, a sua legitima pagará as dividas do morgado, com a condição de que D. Christovão entrará desde já na posse d'elle. No meu estado não podia ter outra ambição. Aceitei. Beatriz será o amparo de sua irmã, que não tem já que esperar... E eu posso retirar-me a um canto da provincia para acabar em socego os meus dias. D'este modo,

a minha herdeira contrahe uma alliança digna d'ella; e a honra e os bens da nossa casa ficam salvos. Percebe agora? Ninguem suspeita o verdadeiro estado dos meus negocios. Para sustentar até ao fim a illusão, é necessario que eu pague ámanhã uma conta avultada, e satisfaça promptamente a importancia dos objectos que fiz preparar para minha filha.

SIMPLICIO — E por quanto tempo quer v. ex.^a o dinheiro?

D. LUIZ — Por um mez. É bastante.

SIMPLICIO — Está resolvido a fazer uma escriptura de quatro contos?

D. LUIZ — É o ultimo sacrificio. Posso contar com a somma que peço?

SIMPLICIO — Queira perdoar... mas v. ex.^a está certo que tudo junto... bem entendido, pratas, roupas, carruagens... chega a cinco contos?

D. LUIZ (*levantando-se*) — Venha ao meu gabinete, eu lhe mostro as avaliações.

SIMPLICIO — Uma vez que v. ex.^a quer ter a bondade... O dinheiro está prompto.

(*D. Luiz conduz Simplicio, que o faz passar adiante*).

SCEA XIV

D. BEATRIZ, e OS MESMOS.

D. LUIZ — Ah! estás preparada?

D. BEATRIZ — Queria fallar-lhe, meu pae. (*D. Luiz toca uma campainha — Manuel Maria apparece*).

D. LUIZ — Conduza o senhor Simplicio ao meu gabinete. Eu já lá vou. (*Manuel Maria sae acompanhando Simplicio*).

SCENA XV

D. LUIZ, e D. BEATRIZ.

D. LUIZ—Que me queres, Beatriz?

D. BEATRIZ—Ordenou-me que me preparasse para essa festa. Bem vê: obedeci. Mas ainda agora não lhe podia dizer quanto sentia—nem v. ex.^a podia contar as lagrimas que me caem agora sobre estas flores.

D. LUIZ—Tenho paciencia.—Escuto-te.

D. BEATRIZ—Escute-me, sim, meu pae, porque é uma grande e forte resolução a que me traz aqui. É severo, mas é bom; é inflexivel, mas é pae. Era o que eu pensava em quanto, anciosa e tremula, me deixava cobrir de enfeites, como aquellas que preparam para o sepulchro.

D. LUIZ—Vejo que fiz mal em te deixar ler romances, Beatriz! (*como para partir*).

D. BEATRIZ—Ai! ouça-me... ouça, meu pae. Mal do coração de pedra, que não comprehendeu... que não crê no romance da vida. Tem-me sempre achado filha submissa: veja o que eu venci para vir dizer-lhe o que lhe digo. Arrojando-me assim aos braços de um homem, que não conheço, pensou no que fazia, meu pae?

D. LUIZ—Pensei que mandava. Pensa que não entendo a resistencia. O que eu digo, faz-se.

D. BEATRIZ—E manda-se o coração?

D. LUIZ—O coração obedece tambem.

D. BEATRIZ—Julga que é nobre e leal, digno do nosso nome e estirpe, enganar a confiança de um homem de bem, entregando-lhe uma alma que é d'outro, votos que não são seus, um pensamento, que é já involuntariamente infiel quando lhe jura fidelidade?

D. LUIZ—Ousaste fazer outra escolha?

D. BEATRIZ—Oh' meu pae, a obediencia do coração não se impõe!

D. LUIZ (*furioso*)—Quem é?... (*pausa*) Não preciso

sabel-o. Não discuto: ordeno. Dentro de um mez serás mulher de D. Christovão.

D. BEATRIZ (*indo a cair-lhe aos pés*)—Pois é possível que um pae ordene assim a eterna desgraça de sua filha?

D. LUIZ (*erguendo-a antes d'ella tocar o chão*)—Olha que manchas o teu vestido, Beatriz!

D. BEATRIZ (*cobrindo o rosto com as mãos em attitude desesperada*)—Oh!

D. LUIZ (*friamente*)—Enxuga as lagrimas. Eu volto já a buscar-te. As Magdalenas são ridiculas n'uma reunião. (*sae*)

SCENA XVI.

D. BEATRIZ (*só*)—Quem me ha de valer, meu Deus!... quem me ha de valer!...

SCENA XVII.

D. BEATRIZ, E ESTEVÃO.

ESTEVÃO (*entrando da esquerda, e indo fechar a porta do fundo*)—Eu!

D. BEATRIZ—O senhor aqui!

ESTEVÃO—Affrontei tudo; ouvi tudo. Tenho a chave da porta do jardim.

D. BEATRIZ—Como!

ESTEVÃO—Pouco importa. Tudo se compra. A poucos passos está uma carruagem.

D. BEATRIZ—Ultraja-me!

ESTEVÃO—Salvo-a.

D. BEATRIZ—Propondo-me a deshonra?

ESTEVÃO—Evitando-lhe a desgraça. A resolução é temeraria; mas a situação é extrema. Aceite um asylo em casa de minha irmã. Seu pae será então obrigado a desistir de um intento que v. ex.^a amargaria toda a vida; e o resultado é facil de prever.

D. BEATRIZ (*coabrindo o rosto*)—Oh! meu pae, meu pae, porque me tirou até a esperança!

ESTEVÃO (*tomando-lhe a mão*)—Venha, minha senhora; cada minuto que passa é um anno de lagrimas. (*attrahindo-a suavemente*).

D. BEATRIZ (*cedendo como a seu pesar*)—E a desesperação que deixo aqui?

ESTEVÃO—Prefere levar-a comsigo para sempre?

D. BEATRIZ—E a vergonha?

ESTEVÃO—E a traição? (*junto á porta*) Venha, o corredor está só.

D. BEATRIZ—Oh! meu pae! não queria que eu manchasse o meu vestido!... (*desapparecem*)

SCENA XVIII.

D. LUIZ, (*entrando a verificar notas do Banco*)—É a conta. Vamos, Beatriz; a carruagem está posta. (*reparando*) Ah! voltou aos seus quartos.—As lagrimas não lhe fizeram esquecer os enfeites—Chuveiros de estio. . . passam depressa. (*toca a campainha, entra Manuel Maria*) Mande dizer á senhora D. Beatriz que a estou esperando. (*entra D. Ignez*)

SCENA XIX.

OS MESMOS, E D. IGNEZ.

D. IGNEZ—Como! está aqui, papá! Com quem saíu então Beatriz.

D. LUIZ (*com admiração*)—Beatriz saíu?

D. IGNEZ—O meu mestre retirou-se, e eu tinha chegado, com a minha aia, á janella que deita para o jardim, quando vi Beatriz, que o atravessava apressadamente pelo braço de um homem. Logo depois senti rodar carruagem. Estranhei que não se despedisse de mim; mas julguei que era...

D. LUIZ (*caíndo aterrado n'uma cadeira*)—Era a miseria, e a deshonra!

MANUEL MARIA (*voltando*)—As creadas dizem que a senhora D. Beatriz .

D. LUIZ (*impondo-lhe silencio*)—Já sei.

D. IGNEZ (*caíndo-lhe aos pés affogada em lagrimas*)—Oh! meu pae, meu pae, o que havemos de fazer!

D. LUIZ (*erguendo-se com terrivel frieza*)—Vestirmo-nos de lucto!—Eu já não tenho filha .. e tu já não tens irmã!

(*Cae o panno.*)

ACTO II

SALA ELEGANTE.

SCENA I

D. LEONOR, e ESTEVÃO DE MOURA. (*entrando*)

D. LEONOR—Esperava-te com impaciencia.

ESTEVÃO—Como está ella?

D. LEONOR—Não tem feito senão chorar e pedir noticias.

ESTEVÃO—E que noticias ha?

D. LEONOR—Nenhumas.

ESTEVÃO—D. Luiz não veio, nem mandou?

D. LEONOR—Nada.

ESTEVÃO—E' singular! Pois não é que eu não tenha feito constar por toda a parte onde está sua filha.

D. LEONOR—Desejas uma entrevista com D. Luiz?

ESTEVÃO—Quanto antes. A scena ha-de ser tempestuosa; mas é o desenlace necessario, o ultimo acto do

drama... ou antes da comedia. Já agora é inevitavel. Ninguém ignora a fuga de Beatriz. D. Luiz não terá remedio senão vir solicitar o mesmo que me negaria. E confesso-te que me principiam a cansar essas effusões de ternura que sou obrigado a simular, e essa elegias lachrymosas que sou forçado a ouvir.

D. LEONOR—Ahi está o que são os homens!

ESTEVÃO (*rindo*)—Cáes nos logares communs, minha querida irmã. Perdes a tua reputação de espirito.

D. LEONOR—Mas que papel me fazes representar em tudo isto, Estevão?

ESTEVÃO—O de uma boa irmã que protege os amores desesperados de seu irmão.—Não ha nada mais natural. Sejâmos do nosso tempo. Os Amadis fugitivos passaram a cavalleiros da Triste Figura. Abres a tua casa e os teus braços a tua futura cunhada. N'uma senhora viuva não ha que dizer. O casamento, como em qualquer novella antiga, corôa tudo, justifica tudo, e faz tudo esquecer. Eram intenções puras? Offereceste um asylo decente.—E' regular como um passaporte.

D. LEONOR—Mas porque não fizeste saber as tuas pretensões a D. Luiz?

ESTEVÃO—Para que? Para me fechar as portas, e perder até a possibilidade de aproveitar a occasião? Ouve, Leonor. Teu marido deixou-te apenas com que viver medianamente. Nosso pae deixou mais dividas do que bens; e eu fiquei sem fortuna, habituado ao luxo, á sociedade e ao mundo. Privar-me de tal existencia, é já impossivel. Grangeal-a, como? Sei vestir-me como ninguem... monto a cavallo como poucos... conduzindo um tilbury e jogando o bilhar, dizem que não tenho rival—Mas estas prendas dispendiosas, não dão a fortuna, levam-a.—Comtigo posso e devo ser franco. Para começar a trabalhar era tarde. Estava costumado havia muito a não fazer nada. A culpa foi da educação. N'este estado, que esperança me restava? Fazer-me corretor de eleições, ou aspirante a empregos? Isso não é para gente da nossa

classe... e era destruir pela baze todos os meus projectos.—Para alcançar muito, a primeira cousa é não precisar nada... ou parecer pelo menos—Dediquei-me a procurar um casamento. E' uma industria como outra qualquer.—E este nosso seculo é essencialmente industrial. Tu mesma não sabes que privações interiores me tenho imposto, nem a que sacrificios me tenho sujeitado para conservar esta apparencia, que disfarça a penuria herdada da opulencia, e me dá accesso desejado em todas as casas. A minha profissão tem sido semear paixões e colher desenganos. Quem porfia malta caça. A final achei o que me convinha. Uma alma ardente, comprimida pela severidade e repellida pela frieza; e, o que é mais e melhor, uma rica herdeira. Seria loucura deixar fugir a oportunidade. Do pouco latim que aprendi no collegio só me ficou a sentença de não sei que poeta: «A fortuna ajuda os atrevidos.» Fui atrevido. Estou á espera da fortuna, que não tem remedio senão vir procurar-me. Os timidos buscam-a, os audazes forçam-a! Percebes agora?

D. LEONOR—Ao menos não me faças assistir á scena da tempestade.

ESTEVÃO—Não: reservo-te para a da reconciliação.

D. LEONOR—Queres que vá prevenir Beatriz?

ESTEVÃO—E' inutil. Quanto mais evitarmos os lances sentimentaes, melhor.—Esperas alguém esta noite?

D. LEONOR—Não sei.—As pessoas do costume talvez...

ESTEVÃO—Politicos e litteratos. Olha que adquires o titulo de *bas bleu*.—Deixa-me aproveitar a occasião, a mim. Preciso frequental-os: tenho de passar á classe de homem serio.

D. LEONOR—Pois sim. Eu vou acompanhar Beatriz; é indispensavel. Se vier alguém, darás as minhas desculpas.

ESTEVÃO—Com todo o gosto. Receberei em teu lugar. Começarei o meu noviciado. (*D. Leonor sae*)

SCENA II

ESTEVÃO. (*Só—depois*) O CREADO.

ESTEVÃO—Decididamente, o calculo val mais que a paixão. O interesse é logico e o amor não o é. Se parasse diante de exaggerados escrupulos e falsas delicadezas não estaria onde estou.—Tarda-me D. Luiz; mas hade vir. (*a um creado que entra*) Que é?

CREADO (*annunciando*)—O senhor Diogo Travassos.

ESTEVÃO (*áparte*)—Cuidei que fosse... (*ao creado*) Mande entrar. (*o creado sae*) O chefe da opposição! São relações que é util conservar.

SCENA III

ESTEVÃO, E DIOGO TRAVASSOS.

DIOGO—E' uma fortuna vê-lo, senhor Estevão de Moura. Sua irmã saíu?

ESTEVÃO—Não saíu; mas encarregou-me de dar as suas desculpas.

DIOGO—Está encommoada?

ESTEVÃO—Tambem não. Um incidente imprevisto... Está acompanhando uma pessoa que...

DIOGO—Percebo. Se não fosse indiscrição, diria que não é de certo sem fundamento o rumor que por ahí corre...

ESTEVÃO—Um rumor! Que rumor?

DIOGO (*sorrindo*)—Mas eu sou discreto.

ESTEVÃO (*sorrindo tambem*)—E' a virtude dos homens de estado.

DIOGO—E dos amantes felizes... Não faça protestações... são valores entendidos.—Sou-lhe importuno?

ESTEVÃO—De nenhum modo; e minha irmã aproveitará de certo o primeiro momento...

DIÓGO (*sentando-se*)—Sua irmã é uma senhora de juízo, livre de preconceitos, e que não sabe só praticar em modas... Por isso prezo tanto a sua conversação.

ESTEVÃO—Tinha nascido para ser homem.

DIÓGO—Ha homens que nascem para ser mulheres.

ESTEVÃO (*sentado*)—Por exemplo... os poetas.

DIÓGO—Oh! não me falle n'elles. E' uma raça que abomino. Eximem-se de ter cabeça, sob o pretexto de ter coração. No meu conceito não ha nada que se pareça mais com a loucura do que a sensibilidade.—Perdão, esquecia-me de que, nas suas circumstancias actuaes, a sensibilidade é um attributo do character... ou do papel que representa!

ESTEVÃO—Não acredita n'ella?

DIÓGO (*irreflectidamente*)—Acredito... Tenho visto tanto insensato!—Sei, porém, que ha duas sensibilidades.

ESTEVÃO—Duas?

DIÓGO—Duas. Uma falsa e outra verdadeira. A verdadeira praz-se no sacrificio: de ordinario recolhe o es-carneo. A falsa, é menos imprudente: e em regra geral é mais feliz.

ESTEVÃO—Todavia ha exemplos...

DIÓGO—Philemon e Baucis no casamento... Leandro e Ero no amor... Pylades e Orestes na amizade!—Não me cita senão capitulos da mythologia!

ESTEVÃO—E' o mesmo que dizer: Contos das *Mil e uma noites*.—Entretanto ha Julieta e Romeu...

DIÓGO—Se invoca a auctoridade dos poetas!—Os Romeus são raros.

ESTEVÃO—E as Julietas?

DIÓGO—Quasi impossiveis.

ESTEVÃO—Quasi; mas não de todo.

DIÓGO—Achou alguma? Faça de conta que descobriu a pedra philosophal, ou o segredo do magnetismo, ou o verdadeiro testamento do Czar Pedro primeiro.—Não vê que Julieta e Romeu morreram sem herdeiros?

ESTEVÃO—Visto isso, não cré em nada?

DIOGO—Não: creio n'uma cousa. Creio no poder da intelligencia.

ESTEVÃO—A intelligencia inspira-se de sentimento.

DIOGO—Pode ser; mas quando tal lhe acontece, não commette senão erros. A intelligencia superior, a intelligencia suprema, a que não acceita a humanidade senão para a dominar, é aquella que sabe desprender-se de tudo o que liga os outros.

ESTEVÃO—Assim, a pátria, a familia, a religião...

DIOGO—A religião, é um meio... a familia, uma prisão... a patria, um nome!... phantasmas luminosos, que se accenderam nas trevas da credulidade, e de que os homens que fazem o seu destino se servem, não para educar, como dizem, senão para reger as sociedades. Uns accitam o jugo... formam a turba! Outros impõem-o... são os que a dirigem!—Queira perdoar. Estou-lhe fallando em cousas, que de certo o não interessam.

ESTEVÃO—Pelo contrario: admiro-as.

DIOGO—Parece-me ter disposições... por isso lhe fallo como se não falla a todos.—Mas ahí vem o nosso amigo Doutor, que esperava, como eu, gosar da amavel companhia de sua irmã... (*tem entrado o Doutor*)

SCENA IV

OS MESMOS, E O DOUTOR.

DOUTOR—Porque? Falta-nos hoje a senhora D. Leonor?

DIOGO—Não poderá dar-nos senão alguns momentos.

DOUTOR (*com ar de intelligencia*)—Ah? (*em quanto Estevão vae buscar uma cadeira, o Doutor falla rapidamente ao ouvido de Diogo*)

DIOGO (*respondendo ao Doutor*)—Creio que sim.

ESTEVÃO (*á parte, trazendo a cadeira*)—Tenho ao meu serviço as trombetas da fama. (*alto*) Doutor!...

(o Doutor senta-se) Minha irmã encarregou-me de represental-a... e a representação é toda em meu beneficio.

DOCTOR—Absolvo-o do calembourg... se teve a intenção de o fazer.

DIOGO—Não, Doutor: o senhor Estevão de Moura merece mais justiça!

ESTEVÃO—Digo que é em meu beneficio, porque, vivendo n'um mundo frivolo, nem sequer imaginava que prazer é receber de homens taes uma instrucção nova para mim.

DIOGO—Está enganado. Estas idéas não lhe são novas. Tinha-as formulado d'outro modo, eis a differença. N'esse mundo que frequenta, polido como o aço, duro e frio como elle, a incredulidade é a mesma, e o scepticismo igual. Actúa n'outra escalla; mas produz effeitos analogos. Ali o egoismo incarna-se na individualidade. Nós temos algumas vezes o *egoismo da communi-dade*, e é o que nos torna maiores. Fallava-mos, Doutor, dos ridiculos do sentimento e dos perigos da sensibilidade. Não é verdade que, em todas as espheras, quando estas qualidades predominam, quasi sempre se é victima d'ellas?

DOCTOR—Pergunte se póde ser operador o que desmaia, quando mette o escalpello nas carnes palpitantes? (para Estevão)

DIOGO—E' verdade... é exacta a comparação.

DOCTOR—O medico não vê na humanidade o paciente, vê a sciencia. Quando separa as fibras, quando desliga as veias, quando estuda o delirio, quando segue os progressos da dissolução, não ouve os gritos, não sente a dor... é surdo e insensivel.

ESTEVÃO--Mas n'esses gritos vae muita vez uma alma!

DOCTOR—E que é a alma? Basta um golpe mais fundo para aniquilar esse grande mobil; para riscar essa grande palavra.

ESTEVÃO—E não a julga mais que uma palavra?

DOCTOR—Julgo-a um segredo de organização, que a sciencia procura de balde.

DIOGO—O que o medico applica á sensibilidade physica, o homem de estadò applica-o á sensibilidade moral. Quem tiver coração... (*para Estevão*) creia-me!... não queira subir ás alturas politicas: falta-lhe o dote principal... Cultive a egloga e o idyllio, e não aspire a uma região tão opposta. A ascenção é cheia de perigos. Pondo o pé no primeiro degrau não olhe para traz. Quanto mais subir, volvendo os olhos, mais descobrirá a profundidade do abysmo, e corre o perigo da vertigem. E' necessario sabel-o encarar com vista firme e rosto sereno. Que importam as vociferações dos homens, as variantes das instituições, e as ancias da sociedade? Os homens são instrumentos, as instituições são machinas, a sociedade a massa em que se opéra. O que se oppõe, debella-se; o que serve, exalta-se. Os exercitos que se chocam são tabolas que se jogam; as reputações que se abatem são obstaculos que se vencem; o fim é tudo, os meios não conhecem escrupulos. Quem pára diante das cousas pequenas não é para as grandes. O carro esmaga o que topa diante; precipita os que vacillam guiando-o. Quem offerece o peito por arma, pódo ser martyr, mas nunea será potente.

DOCTOR—E' altamente raciocinado; mas a sciencia tem uma vantagem sobre a politica.

DIOGO—Qual?

DOCTOR—Se a sensibilidade physica importuna, nós temos os agentes chimicos que a intorpecem. Adormecida a dôr na imagem da morte, a sciencia, meditando livre, prosegue, atravez da immobilidade, as suas investigações.

DIOGO—Oh! nós temos tambem o nosso chloroformio.

ESTEVÃO—Têm?

DIOGO—Temos. E' a imprensa,—a imprensa, o mais poderoso mobil das sociedades modernas,—instituição

respeitavel e temerosa, a quem se deve muito bem... e muito mal!—acção invencivel que faz os grandes serviços, e os grandes desastres! monumento supremo de humanidade,—se tambem lá não entrassem os vicios d'ella. —Cuidaes que a palavra dominante serve só para illustrar? Serve muitas vezes para confundir.—O agente da sciencia, adormece a sensibilidade physica! Na politica o agente gasta a sensibilidade moral!—O resultado é o mesmo.

ESTEVÃO—Admiro-o, e confundo-me. Vejo que para obter e dominar a fortuna...

DIOGO—E' preciso ser de marmore... sirvo-me da comparação e da idéa que está em voga... pezado, como elle, para não ser abalado no pedestal... insensivel, como elle, para não succumbir ás condições humanas. —As mulheres de marmore provocam as catastrophes domesticas; os homens de marmore produzem as catastrophes das nações!

DOCTOR—Falla como experiente.—Nunca teve paixões?

DIOGO—E' provavel que tivesse: não me lembro d'ellas.

ESTEVÃO—Amou alguma vez?

DIOGO—Como tive bexigas. O amor, ou occupa a vida, ou deixa em cinzas o coração. Apagado o vulcão, quando se sopra a cratera extinta, empoeira os olhos, mas não se lhe ateia uma faísca. E' então que da lava se extrahе a pedra. (*a Estevão*) Talvez lhe sirva esta lição. (*entra Simplicio*)

SCENA V

OS MESMOS, E SIMPLICIO (*acompanhado de um criado*)

SIMPLICIO (*humildemente*)—Meus senhores, queiram desculpar se me atrevo a interromper... (*o creado retira-se*)

ESTEVÃO (*indo-lhe ao encontro*) O senhor Lobo por aqui, a esta hora?

SIMPLICIO (*baixo*)—Tenho que lhe fallar em particular. E' negocio muito urgente.

ESTEVÃO—Buscarei ficar só. (*voltando aos dous*)

DIOGO—O' senhor SImplicio!

ESTEVÃO (*a Diogo*)—Conhece?

DIOGO—Porque não?—Deseja tratar negocios particulares certamente?

ESTEVÃO—Alguns instantes só. A proposito, ahi vem minha irmã.

SCENA VI

OS MESMOS E D. LEONOR.

ESTEVÃO (*indo ao encontro d'ella*)—Eras esperada com impaciencia.

ESTEVÃO—O que não é pouco lisongeiro da parte de pessoas como o senhor Diogo Travassos! (*baixo a Estevão*) Beatriz ficou descaçando.

ESTEVÃO (*baixo*)—Vê se os podes levar.

D. LEONOR (*amavelmente*)—Oh! meu charo Doutor; é quasi milagre tél-o: os seus doentes não lhe dão tempo.

DOCTOR—Mais ainda os de espirito, que os de corpo.

D. LEONOR (*estendendo a mão a Diogo*)—Vejo que não se esquece; é um amigo fiel.

DIOGO—A fidelidade n'alguma parte ha-de estar.

D. LEONOR—Querem passar á minha bibliotheca?

DOCTOR—Será uma bibliotheca de espirito, estando v. ex.^a lá.

ESTEVÃO (*a Diogo*)—Ficaram-me impressas as suas palavras.—Dá-me licença que o procure quando fór ministro?

DIOGO—E' um cumprimento?

ESTEVÃO—E' um prognostico.

DIOGO—Outro qualquer ostentaria falsas modestias. Eu digo que o espero (*o Doutor sae com D. Leonor*—

Diogo segue-os; ao passar por Simplicio diz-lhe em voz baixa) Não me fale amanhã às dez horas.

SIMPLICIO (*em voz baixa*)—Não costume faltar.

SCENA VII

ESTEVÃO E SIMPLICIO

ESTEVÃO—Conhece o senhor Diogo Travassos?

SIMPLICIO—Conheço toda a gente

ESTEVÃO—E' homem de fortuna?

SIMPLICIO—Ha-de ter a fortuna dos outros.—Mas vamos ao que importa.—Estamos sós?

ESTEVÃO—Perfeitamente sós.

SIMPLICIO—Com todo o respeito que lhe devo... saiba que é um ingrato.

ESTEVÃO (*rindo*)—Ingrato, eu!.. Em que?

SIMPLICIO—Queira ouvir-me. Quem lhe tem sustentado esse luxo exterior, que lhe dá no mundo uma apparencia de riqueza?

ESTEVÃO—E' o senhor, não o nego; mas bem sabe que não gasto senão o strieto necessario...

SIMPLICIO—O necessario do superfluo... sei. Por isso tenha tido uma confiança que tem por garantia unica o seu calculo e o seu interesse. D'outro modo...

ESTEVÃO—E' uma confiança... a cento por cento. O senhor Simplicio não se parece com os seus collegas... E sabe que é um homem habil e previsto?... Crê nas hypothecas vivas.—Ha-de ser millionario.

SIMPLICIO (*humildemente*) Favores, favores!

ESTEVÃO—Não está contente comigo?

SIMPLICIO—Queira perdoar.. não estou.

ESTEVÃO—Como!... Não crê que lhe hei-de fazer ganhar muito?

SIMPLICIO—Ou perder tudo.

ESTEVÃO (*batendo-lhe no hombro*) Não perde, diga-lh'o eu.

SIMPLICIO—E eu suspeito que está perdido.

ESTEVÃO—Tanto não perde que tenho que pedir-lhe uma redução na minha divida pelo prompto pagamento.

SIMPLICIO—Quando?

ESTEVÃO—D'entro n'um mez, o mais tarde.

SIMPLICIO—E como ha-de pagar?

ESTEVÃO—Como ajustámos. Com o producto do meu casamento.

SIMPLICIO—E a noivã? e o dote?

ESTEVÃO (*sorrindo*)—O dote e a noiva estão seguros.

SIMPLICIO—Senhor estevão de Moura, aprender até morrer. Tinha contado com a sua prudencia, e a sua imprudencia compromette-me.

ESTEVÃO—Explique-se.

SIMPLICIO—D. Beatriz Coutinho está n'esta casa, não está?

ESTEVÃO (*sorrindo*)—Está; já vê que é impossivel o casamento.

SIMPLICIO—O casamento é impossivel.

ESTEVÃO—Como!...

SIMPLICIO—Tinha em vistas a fortuna de D. Beatriz quando fugiu com ella?

ESTEVÃO—Pois que!

SIMPLICIO—Tudo são riscos n'estes negocios! Até o segredo é perigoso. Não o accuso, perdôo-lhe.

ESTEVÃO—Perdôal Que me perdôa?

SIMPLICIO—D.^o Luiz tem todos os bens hypothecados.

ESTEVÃO—Ao senhor, aposto!

SIMPLICIO—E dentro n'um mez nem a propria mobilia será sua.

ESTEVÃO—Misericordial Porque não m'o tinha dito?

SIMPLICIO—Porque não me disse que pertendia D. Beatriz?

ESTEVÃO—O mysterio é a segurança d'estes projectos.

SIMPLICIO—O segredo é a alma d'estes negocios.

ESTEVÃO—Mas o seu segredo comprometteu-me.

SIMPLICIO—Mas veja o que os seus mysterios me fazem perder.

ESTEVÃO—Não tem as hypothecas de D. Luiz?

SIMPLICIO—Tenho.—A divida de D. Luiz não me dá cuidado. Mas a hypotheca da divida de v. ex.^a era um casamento... e esse agora...

ESTEVÃO—Morrendo D. Luiz, a casa passa livre á herdeira.

SIMPLICIO (*assustado*)—Perco então a sua hypotheca... (*s-renando*) Não me assusta.—Conheço bem o modo de pensar d'aquella familia.

ESTEVÃO—E' verdade. D. Beatriz não consenteria nunca em prescrever a divida de seu pae, e recusaria o beneficio da lei.

SIMPLICIO—Vê!... Casando v. ex.^a, ou havia de negar as dividas de D. Luiz, ou annullar a sua... a que posso obrigar-o... Assim, repito-lhe; o casamento é impossivel.

ESTEVÃO—Com o genio de Beatriz, é.—(*pensando, e bateudo no hombro a Simplicio*) Amanhã ha-de-me em prestar mais sessenta moedas.

SIMPLICIO—Eul—Vinha justamente, dizer-lhe que não contasse mais comigo!

ESTEVÃO—Deixe-se d'isso.—Falha um casamento, apparecem outros.

SIMPLICIO—Mas a filha de D. Luiz!

ESTEVÃO—E a minha divida?—Ou ha palavra ou não ha...

SIMPLICIO (*percebedendo, e apertando-lhe a mão*) Senhor Estevão de Moura... é um homem de bem. (*em acto de sair*) Não tenho mais que lhe dizer. (*reflectindo*) Ah! a preposito.

ESTEVÃO—O que é?

SIMPLICIO (*voltando*)—E D. Luiz?

ESTEVÃO—O Pae?

SIMPLICIO—D. Luiz não deixa de vir procural-o?

ESTEVÃO—E' infallivel.

SIMPLICIO—Ha-de exigir o casamento.

ESTEVÃO—Felizmente estou prevenido.

SIMPLICIO—E as consequencias!

ESTEVÃO—Quaes consequencias?

SIMPLICIO—Se recusa, elle é militar e honrado. . .
provoca-o; e. . .

ESTEVÃO—Acceito. Sou destro em todas as armas.
E' tambem uma prevenção necessaria.

SIMPLICIO—Nada, nada. . . As bellas são capricho-
sas e a fortuna é variavel.—Não se ha de bater.

ESTEVÃO—Oh! isso é tyrannia de mais, senhor Sim-
plicio. N'esse ponto não lhe cedo. Que diriam de mim!

SIMPLICIO—Como v. ex.^a quizer.—Tomo unicamen-
te a liberdade de lhe lembrar aquella escriptura falsa,
cujas consequencias lhe evitei.—v. ex.^a é livre, faça o
que entender, mas. . .

ESTEVÃO—Cale-se!

SIMPLICIO—Tenho ainda os papeis em meu poder.
Se fossem conhecidos. . . Quem pensa v. ex.^a que diriam
tambem?

ESTEVÃO—Perdia do mesmo modo a sua divida.

SIMPLICIO—E o senhor Estevão de Moura as suas
esperanças. Ora, a respeito da minha divida, tenho ou-
tras em que não são tão incertos os lucros. Quanto ás suas
esperanças, não penso que as possas substituir!

ESTEVÃO—Faz de mim o que quer, senhor Simpli-
cio!—Pode ir descansado.

SIMPLICIO—Não se bate?

ESTEVÃO—Não me bato.

SIMPLICIO—Digo-lhe que é um homem de bem! (*sac*)

SCENA VIII

ESTEVÃO (*só*)—E' um novo revez!—Que importa?
—Quebrado um fio, tece-se outro; e a urdidura prose-
gue. Se a fortuna foge, é perseguil-a, e correr mais do
que ella.—Homens da politica e da sciencia, que daes li-

ções do alto do vosso orgulho, este mundo, que desprezaes por futil, no encadeamento dos seus successos, dá-vos muita vez exemplos. . . que valem mais que as vossas lições!

SCENA IX

ESTEVÃO E D. BEATRIZ

D. BEATRIZ—Está só?

ESTEVÃO (*voltando-se*)—Minha senhora! . . . Ia procural-a.

D. BEATRIZ—Descancei um instante. Succumbi á fadiga. Mas o repouso não podia ser longo.—Sua irmã está com visitas: aproveito a occasião Carecia de vê-lo, e sobre tudo de ouvir-o, para resistir ás preocupações que me assaltam!

ESTEVÃO (*conduzindo-a ao sophá*)—Minha senhora. . . (*Beatriz assenta-se, Estevão encosta-se ás espaldas do sophá*) Quaes são as suas preocupações?

D. BEATRIZ—Caí por momentos n'esse turpor intermittente, que é menos que o somno, e peor que a vigilia. Esqueci-me da situação real para entrever outra peor.—Dizem que, ás vezes, ha verdade nos sonhos!

ESTEVÃO (*á parte*)—Felizmente chegamos ao desfexo. (*inclinando-se mais negligentemente no sophá*)D. BEATRIZ—Sonhei que me achava n'um ermo . . . a solidão em torno de mim! . . . a solidão dentro em mim mesmal—Via de longe o desprezo de todos e a maldicção dos meus.—Via um anjo, com o rosto de minha irmã, baixo os olhos, velando a dor com a vergonha. . . Era como a morte tendo a consciencia do erro. . . era a consciencia do erro com o sentimento do abandono!—(*virando-se para elle, e estendendo-lhe a mão*) Diga-me, Estevão, diga-me que era um desvario da imaginação exaltada!ESTEVÃO (*tomando uma cadeira e sentando-se-lhe ao lado*)—Certamente que era.—v. ex.^a não pode receiar o abandono. . . e a prova. . . (*erguendo-se*) é que espero suas ordens para a conduzir a casa de seu pae.

D. BEATRIZ (*erguendo-se*)—A casa de meu pae! . . . Eu!—Assim. . . (*pausa*) não tem outra cousa que me dizer?

ESTEVÃO—Pois que mais? Forçavam-a a um casamento que era a sua desgraça. Conduzindo-a aqui subtrahia-a áquelle golpe.—Não é provavel que esses projectos de seu pae vão agora por diante.—O meu dever portanto é restituil-a a sua casa.

D. BEATRIZ—O seu dever!—E. . . e falla de dever?

ESTEVÃO—Acaso deixei de observar para com v. ex.^a o mais escrupuloso respeito?

D. BEATRIZ—E o passo que dei! . . . o passo a que me inligou. . . não significava outra cousa?.. Ail a vergonha d elle!—E a opinião que me condemnará!—Para quem ousarei mais levantar os olhos? Quem me estenderá mais a mão?—E' impossivel, Estevão. . . Não comprehendí bem de certo.—Pois só e perdida ao despontar da existencia, não terei ao menos o seu amor para me desculpar do meu erro e consolar-me n'esta angustia! Quaes eram então os seus projectos? (*pausa—Estevão de Moura inclina-se sem responder*) Perdoe se o offendi. Entendi mal.—Trazendo-me da casa paterna, altar da minha infancia, foi de certo para me conduzir ao altar de Deus, a consagrar um amor, que é todo o meu futuro.—Pois porque o havia de fazer um homem do seu nome e nascimento?—(*enxugando as lagrimas e sorrindo*) Peço-lhe que me perdoe.—Era ainda a apprehensão que me deixou aquelle sonho terrivel! . . .

ESTEVÃO (*inclinando-se friamente*)—Seu pac minha senhora, procurava uma alliança em que a primeira condição era a fortuna, e eu não a tenho.

D. BEATRIZ—Que importa? Se a tenho eu!

ESTEVÃO—Sem o seu consentimento, é impossivel dar um passo que não teria remedio.

D. BEATRIZ (*caindo no sophá com o lenço nos olhos a solliçar*) Oh! (*longa pausa—levanta-se*) Basta!—Não manche mais a honra de seus avós com subterfugios indignos do seu sangue.—Do fundo do abysmo perdoa-lhe

a voz . . da que foi viva! (*com explosão*) Oh! corações de pedra, que nem lagrimas amollecem, nem aquece o amor, nem a desgraça abranda! . . Ha-os: estava-me reservada a triste experiencia! . . Oh! peitos sem coração, em cujo ambito vazio ainda ha echos para condemnar aquellas que perdeis! . . (*silencio com dignidade*) Quero voltar para casa de meu pae. Antes a sua maldição!

ESTEVÃO (*vae para offerecer-lhe o braço*)—Estou ás ordens de v. ev.*

BEATRIZ (*encarando-o fixamente*)—Nem uma palavra, nem um gesto. . . nem uma lagrima de commiserção!—O que era então o seu amor?—Julgava isto impossivel!—Não. Tem razão: a sua piedade fôro um insulto.

ESTEVÃO (*inclinando-se*)—Quando v. ex.* quizer. . .

D. BEATRIZ (*rejeitando-lhe o braço*)—Só.—Não se dá o braço a um cadaver!

ESTEVÃO (*recommendando-lhe silencio*)—Vem gente!

SCENA X

OS MESMOS, D. LEONOR, DIOGO E O DOUTOR.

DIOGO (*entrando e como continuando uma conversação*)—O mundo é assim! Flores á superficie. . .

D. LEONOR—E no calice de cada flor um orvalho de lagrimas.—(*reparando*) Ah! (*vem a D. Beatriz, que tem caído abatida no sophá; Estevão detem-a no caminho, em quanto Diogo e o Doutor observam de parte, conversando maliciosamente*)

ESTEVÃO—Leva-a d'aqui.

D. LEONOR—Que tem ella? (*tudo rapidamente*)

ESTEVÃO—Quer voltar para casa de seu pae.

D. LEONOR—Não a deixo?

ESTEVÃO—Deixa.

D. LEONOR—Que?

ESTEVÃO—Eu te explicarei.

D. LEONOR—Não me envolvo em mais nada.

ESTEVÃO—Justamente.

D. LEONOR (*alto aos dous*)—Dão-me licença?

DOCTOR (*inclinando-se*)—Pois não!

(*D. Leonor conduz para dentro D. Beatriz, que se deixa guiar como machinalmente.*)

ESTEVÃO (*aos dous*)—Não se demoram hoje?

DIOGO—Tenho que passar pelo club.

DOCTOR—E eu preciso ainda ver uns doentes.

ESTEVÃO—N'esse caso, acompanho-os tambem.

DIOGO (*sorrindo como em confidencia*)—Pois não tem nada que o prenda aqui?

ESTEVÃO (*idem*)—Muito mais me prende o desejo de aprender com tão bom mestre.—Vamos, meus senhores. (*os dous passam adiante: em frente de Estevão apparece á porta D. Luiz coberto de luto*)

SCENA XI.

ESTEVÃO E D. LUIZ.

D. LUIZ—Queira perdoar.—Temos que fallar.

ESTEVÃO (*para fóra*)—Desculpem-me: demoro-me ainda. (*voltando—á parte, em quanto D. Luiz se adianta do outro lado*) Tem de ser. Quanto mais breve melhor.

D. LUIZ—Esperava-me?

ESTEVÃO—Esperava.

D. LUIZ—Então escuso dizer-lhe a que venho. Tinha uma filha... morreu para mim... mas a honra do meu nome não pode morrer com ella.—Salve ao menos uma parte do que deitou a perder! Se é preciso... peço-lh'o!

ESTEVÃO—Essa honra, senhor D. Luiz, foi respeitada.—Sua filha mesma lh'o dirá.

D. LUIZ—Respeitada!... tendo fugido em compa-

nhia de um homem, de casa de seu pae, aos olhos de sua irmã e de seus criados?

ESTEVÃO—Fugia á violencia: quem a protegeu então, não a offendeu depois.

D. LUIZ—Não discutâmos.—Repare a honra, pois que não pode reparar a fortuna.

ESTEVÃO—A fortuna!... Feriu v. ex.^a exactamente o ponto essencial. Posso portanto explicar-me com franqueza.—(*intencionalmente*) Ha de comprehender-me!

D. LUIZ—Que quer dizer?

ESTEVÃO—Sua filha amava-me; casal-a com outro era fazer a sua desgraça. —Se eu lh'a tivesse pedido, tinha-m'a negado, não?

D. LUIZ—Tinha.—Mas hoje o caso é differente. Se minha filha está pura... e creio-o sem custo... o mundo julga-a manchada. O seu casamento com ella é a unica justificação possível.

ESTEVÃO—Perdão. E' justamente a unica impossivel.

D. LUIZ (*aterrado*)—Impossivel!

ESTEVÃO—O mundo julga as apparencias... e não as realidades.—V. ex.^a recusava-me sua filha, porque eu não tinha uma grande fortuna. Eu agora não posso acceital-a... porque v. ex.^a já não tem nenhuma!

D. LUIZ—Tinham-me dito que havia cynismos d'estes; mas não acreditava!

ESTEVÃO—Não é cynismo, é logica. Sua filha está sacrificada? Talvez. Não sou eu, é esse mundo de que falla.—Se v. ex.^a a sacrificava, sendo pae, porque hei de sacrificar-me eu, que o não sou?

D. LUIZ—Oh! castigo de Deus! (*pausa*)—As suas armas?

ESTEVÃO—V. ex.^a tem sessenta annos; eu, trinta... v. ex.^a está cansado; eu, no vigor da idade... v. ex.^a tem o braço retalhado de feridas; eu, sou destro e forte... Um duello seria ridiculo para mim!

D. LUIZ (*furioso*)—Miseravel!

ESTEVÃO—Lembre-se que está em casa de uma senhora, e que eu não estou na minha.—Não tenho mais que lhe dizer. *(para sair)*

D. LUIZ *(procurando com os olhos em roda)*—Não ter aqui uma arma!... *(pausa)* Saia. Tem razão. Se o visse ahí mais, podia juntar o crime á deshonra! *(Estevão inclina-se e sae)*

SCENA XII

D. LUIZ *(só)*—Nem sangue, nem lagrimas!—Nem o sangue d'aquellas veias! nem lagrimas n'estes olhos! —Morreu-me pois tudo no coração?... *(pende-lhe a cabeça no peito—fica longo espaço abaido—quando ergue a fronte, e volta o rosto, vê Beatriz a seus pés)*

SCENA XIII

D. LUIZ E D. BEATRIZ.

D. BEATRIZ—Meu paé! mate-me ou leve-me d'aqui!

D. LUIZ—A vergonha é a companheira do erro! —Estou de luto por minha filha! *(sae sem voltar mais o rosto)*

D. BEATRIZ—Ah! *(cae: D. Leonor corre a socorrer-a)*

(Cae o panno.)

ACTO III

A MESMA SCENA DO PRIMEIRO ACTO.

SCENA I

D. LUIZ (*profundamente abatido, sentado n'uma cadeira de braços*)—D. IGNEZ (*sentada n'um tamborete a seus pés, lendo*)—Do outro lado, FERNANDO desenhando—
D. Luiz e D. Ignez estão ambos vestidos de preto.

D. IGNEZ (*lendo*)

«N'este lugar, morada de tristeza,
«Não sei se é noute, nem se brilha o dia!
«Melancolica luz com raio frouxo
«Só pavoroso quadro me apresenta
«Os horrores da morte me circundam!
«As antigas ruinas d'este imperio
«São minha habitação: sorte funesta
«Por companhia só tenho a innocencia!»

D. LUIZ (*com a fronte encostada á mão esquerda, estendendo a direita sobre o livro*)—Que estás tu lendo, Ignez?

D. IGNEZ—A scena de Hemon na tragedia de *Eteocles e Polynices* do nosso poeta Aguiar.

D. LUIZ—Não leias mais.—E' um quadro feito para mim, essa leitura.—Tudo me falla de... Não... O que me falla é a voz que tenho dentro em mim mesmo.

D. IGNEZ (*declinando do tamborete para o chão, ajoelhando aos pés de seu pae e tomando-lhe nas suas a mão que elle deixára pendente*) Oh! meu pae! Porque não escuta essa voz, que de certo dirá «perdão.»?—Deus perdôa tambem aos arrependidos.

D. LUIZ (*erguendo-se*)—Ignez, não falles mais. . . em quem morreu!—Esqueceu-nos;—esqueçâmos!—esquecimento por esquecimento!—justiça por justiça!

D. IGNEZ—Oh! meu pae, permitta-me que insista. —Pois tem animo de esquecer uma filha diante d'outra filha? Pois, diante do infortunio prostrado na penitencia, retira a mão que Deus fez para abençoar e socorrer?

D. LUIZ—Eu fui punido: é justo que ella o seja. A cada qual o pezo do seu erro. —(*levanta-a*) Nem mais uma palavra. —(*indo a Fernando, que se levanta tambem*) Desculpe, senhor Fernando, se involuntariamente lhe dou scenas d'estas. Não são ellas para inspirar a imaginação de um artista.

FERNANDO—Engana-se v. ex.^a A imaginação do artista está sobre tudo no seu coração —Para verdadeiramente se inspirar é necessario sentir verdadeiramente! —A chamma brilha quando o fogo se atêa —O artista inspira-se de affecto e respito diante de uma dôr veneranda. As ruinas, por severas que sejam, na sua austera solidão enchem da grandeza, que attestam, a alma, que sabe comprehender toda a saudade, todo o mysterio e magestade d'ellas!—O homem, que v. ex.^a não repelle da intimidade d'estas scenas, merece-lhe de certo a estima, porque não vê n'elle uma testemunha importuna! —O homem, que v. ex.^a eleva assim á cathedra de amigo da sua desgraça, deve-lhe acatamento e gratidão, porque suppõe n'elle o que tem direito de negar nos outros.

D. IGNEZ (*em voz baixa*)—Obrigada Fernando!

D. LUIZ (*estendendo-lhe a mão do outro lado*)—Obrigado. E' suave ainda ouvir palavras d'essas, depois das que ouvi!—Nos dias de esplendor não o achei nas festas; nos dias de amargura acho-o no infortunio. Não me esqueço. —Como se tem aqui vivido ha um mez, não sei. . . Nem tinha animo para pensar.—E' tempo de acabar com tal situação.—Vou ao meu gabinete fazer algumas dispo-

sições indispensaveis —Queira esperar-me aqui: temos que fallar! (*sae*)

SCENA II.

D. IGNEZ E-FERNANDO.

D. IGNEZ (*dando a mão a Fernando*)—E's bom e generoso, meu Fernando!—E's grande e compassivo como eu linha sonhado um protector e um companheiro!

FERNANDO—Não anjo meu, não faço mais do que seguir os impulsos de um coração a quem deste a fé!— Nós outros, artistas, julgam-nos incapazes de apreciar o bom e o bello interior, porque as nossas inspirações se derramam nas fórmulas externas. Talham-nos por outra medida, porque vivemos e pensamos d'outro modo! Reputam-nos excêntricos, porque somos justos! Castigam-nos por levantarmos a cabeça acima de nivelamento do mundo Aponta-nos com vão desdem, e vibram-nos o sarcasmo invejoso! Apregoam-nos incapazes de dar a felicidade, porque, julgando-a infinita, não a medimos, nem a paulamos com o inexoravel compasso commum!—A isso de vemos a desconfiança e o orgulho, que nos faz amar a solidão, povoada só pela nossa phantasia!—As aspirações comprimidas refugiam-se no intimo, com o pudor de uma sensibilidade maior. Mas lá estão. Despertem-as. e acordarão radiantes.—Se uma mulher, se um anjo, a quem o Supremo Creador repartiu o amor e abnegação, que são a sua essencia divina; se uma alma predestinada advinha e!intende aquella alma, gemea sua, essas aspirações, longamente occultas, não despertam só, irrompem fervidas para o céu e para a luz, para tudo quanto é nobre e glorioso! Então, meu amor, n'essa alma, descaptivada assim das prisões vulgares, a gratidão occupa tanto lugar como o amor, porque recebeu da mão, que adora, uma nova e maior existencia.—Não me attribuas pois um merito, que é ainda mais teu, do que meu!—Compadece a dôr quem a conheceu. Respeita-a quem não vive só para si.—Não merece louvor, está na natureza!

D. IGNEZ --Mal dos que não crêem no sentimento! Não vivem, assistem á vida, e dissolve-os o nada antes da morte!—Oh! Fernando, Fernando, que te hei de eu dizer? Amar-te, viver da tua vida, e na tua vida!— Se as mulheres descem, é muitas vezes porque os homens lhes não fazem ver a altura da sua missão! é porque em vez de lhes darem a seu lado o lugar que as torna grandes, lhes dão no mundo o lugar em que elle as torna frivolas! Qual de nós, associada a uma vida gloriosa e a generosas idéas, quereria perder a crôa da sua nobreza, e baixar até aos precipícios da vergonha?—Raras! E, para essas, o opprobrio seria maior, porque seria mais justo!

FERNANDO—Ail não queres que eu me sinta mais forte no meu affecto, quando Deus me concede em ti, unida ás graças melindrosas, essa razão elevada? quando vejo, e admiro a aliança do teu espirito com a tua alma, e posso dizer: «tudo isto é meu!»

D. IGNEZ—Teu, sim. . obra tua tambem.—Soube só o que pensava e o que sentia; soube o que era e o que podia ser, quanto te amei!—D'antes era tudo vago no meu coração.—A' tua vez, á tua palavra, a idéa definiu-se, os pensamentos, ou antes os sentimentos, tomaram fórmas! . . . foi uma revelação!—Os amores profundos e leaes purificám-se na sua mesma franqueza. São fogo, mas fogo que não queima só; fogo que tambem illumina. Nasce a aurora para o coração, e o alvor crescente inn'unda-o de claridade. Podem-se então ver e apreciar todos os segredos da alma; e a lingua que elles fallam, não a estranham senão os que não a percebem.

FERNANDO—Tenhamos piedade d'esses, Ignez!

D. IGNEZ—Ouviste meu pae, Fernando? Do seu mesmo infortunio raiou-nos a esperança.

FERNANDO—Silencio para essa esperança, Ignez!—Aquelle infortunio ainda sangra!

D. IGNEZ—Um raio do teu amor dourou-me de felicidade a propria desventura; e a felicidade é egoista.—Tens razão, tens. Não podemos. . . não devemos fallar de

esperanças, em quanto ha outra, tão nossa, que desespera:—Vês? Olha o que é a imperfeição humana. Louvas a minha alma! Esqueci tudo, ouvindo-te!

FERNANDO—Por isso era dever meu lembrar-t'ó.

SCENA III.

OS MESMOS, e D. BEATRIZ.

D. BEATRIZ (*entrando lenta e abatida*)—Ignez, onde esta meu pae?

D. IGNEZ (*correndo a ella e tomando-a nos braços*)—Beatriz, minha Beatriz!—Oh! seja Deus louvado!

D. BEATRIZ—Ignez!... Minha boa irmã, ousas ainda abraçar-me?

D. IGNEZ—Deus sahe como te estendia os braços, chamando-te! Deus sabe como te chamava, pensando!

D. BEATRIZ (*depois de chorar em silencio—limpando as lagrimas*)—Faz bem chorar!—Ha muito, são estas as primeiras lagrimas que me não escaldam as faces. (*a Fernando, que se inclina profundamente na sua presença*) Senhor Fernando de Lima, ha ainda um homem que não levante para mim olhos... que fazem baixar os meus?

FERNANDO (*respeitosamente*)—Ha homens para que todo o infortunio é sagrado!—A perversidade não é regra geral.—Ha homens que no erro não condemnam os effeitos, mas a causa.

D. BEATRIZ—Oh! meu Deus! Como estas palavras acham bem o caminho do coração!.. (*caindo n'uma cadeira*) Era tempo de ouvil-as.

FERNANDO—Nem tudo está petrificado, minha senhora.

D. BEATRIZ—Desculpet... Ouvi o que nunca esperrei ouvir!—E o que ouvi tem ecos espantosos, como os da torrente que devasta!—No fim de tanto tempo estava ainda surda d'aquelles ecos!

D. IGNEZ—E, n'este tempo, que tens feito? Porque nos não tens dado noticias tuas?

D. BEATRIZ—Nem sabia se o podia fazer.—N'este tempo... ha quanto tempo?... parece-me que ha secúlos... rasgou-se um abysmo entre o passado e o presente!—Estranho tudo.—Figura-se-me que deixei esta casa ha vinte annos.

D. IGNEZ—Onde estiveste, depois que n'osso pae foi ver-te?

D. BEATRIZ—N'um Recolhimento. Exigi-o. Onde eu estava não podia ficar.—Para aqui... via sempre meu pae a repellir-me.—Depois... olha bem para mim, minha irmã... não vês?

D. IGNEZ—Oh! que pallidez!... Estiveste doente?

D. BEATRIZ—O que não sei é como pude viver!—E' porque Deus me levou a razão no delirio.

D. IGNEZ (*n'um transporte de angustia*)—E nós sem sabermos nada!—Não contavas comnosco?

D. BEATRIZ—Contava com a morte.

FERNANDO—Procurei noticias por toda a parte: nada pude saber.

D. BEATRIZ—Tinha prohibido que as dessem. Foi o meu primeiro grito.—Julgava poder expirar sem te deixar mais que a saudade, minha irmã!

D. IGNEZ—E querias legar-nos o remorso—(*reprehensivel*) Oh!

D. BEATRIZ—Era ingrata, agora o vejo.—Que queres tu, querido anjo?—Saía de outro mundo. Já nem quasi acreditava no meu mundo antigo!—E tinha eu'direito de perturbar a paz da tua innocencia?

D. IGNEZ (*dando-lhe um beijo*)—Felizmente voltaste.

D. BEATRIZ—Recobrando a razão, pungiu-me a saudade! Combati-a longamente. Não pude vencel-a.—Resignar-me a viver sem o perdão de meu pae é martyrio de mais. Não podia com esta incerteza; não podia pensar que nunca mais te veria, meu amor!—Agora, Ignez, falla. Sabes o que se passou?

D. IGNEZ—Sei.—Não o julgava possivel!

D. BEATRIZ (*com voz espedaçada*)—Era uma espe-

culação vil aquelle amor delirante.—Felizmente, não carêces da lição.—Acabou-se!—Pensas que meu pae me receberá, voltando quasi do sepulchro—(*Silencio dos dous—Beatriz encara-os; depois desata em soluços, cobrindo o rosto com o lenço*) Oh! desgraçada!

D. LUIZ (*fôra—em tom cholérico*)—Bem: estou inleirado.

D. BEATRIZ (*tremula*)—E' a voz d'elle!

D. IGNEZ (*atrahindo a si a irmã*)—Vem, Beatriz; esperarás no meu quarto. Vejo que não seria favoravel a occasião: buscaremos outra melhor.

D. BEATRIZ (*deixando-se conduzir*)—Buscaremos... (*encarando os dous*) Tu ainda podes associar a tua sorte á de um homem de bem! (*as duas saem*)

SCENA IV

FERNANDO (*um instante só*)—Pobre victima!

SCENA V

FERNANDO E D. LUIZ

D. LUIZ—Faltava-me só isto. —Devia esperal-o.

FERNANDO—N'este momento toda a curiosidade fôra importuna; espero as ordens de v. ex.^a

D. LUIZ—Não tenho segredos para o unico amigo que me resta. (*entregando-lhe um papel*) Veja.

FERNANDO (*depois de o tomar e percorrer com os olhos*) Uma penhora!

D. LUIZ—Hoje nem já esta casa é minha!—(*apertando-lhs a mão*) Não me custa por mim... os meus dias estão acabados. —Custa-me pela unica filha que deixo.

FERNANDO—Senhor D. Luiz Coutinho, n'esta hora solemne a franqueza é o primeiro dever.—O esplendor dos dias passados acabou-se de certo; mas a miseria não deve v. ex.^a receal-a.

D. LUIZ — Entendo o que projecta. Sei que estou vivendo ha um mez dos seus beneficios. — Não me interrompa... não direi beneficios, direi amizade... Sei-o agora. — Não o tinha previsto. — Não calculava... não podia pensar n'essas cousas. — Mais do que nunca é pois occasião de nos explicarmos lealmente.

FERNANDO — Pois v. ex.^a pensa?...

D. LUIZ — Penso... agora! — Não posso pagar-lhe — era mentir-lhe se o dissesse. A um homem, como tenho visto que é, só posso agradecer-lhe pedindo-lhe um derradeiro favor. — Eu tenho ainda uma filha, que longamente esqueci — uma unica filha, que fiz pobre sem que ella nunca se queixasse. Julgava deixal-a amparada nos braços de sua irmã... que já não existe. — Da mão de um estranho não podia, não devia acceitar nada. Mas posso, devo acceitar da boca de seu marido a certeza de que ella não ficará orphã de todo.

FERNANDO — Senhor D. Luiz, eu é que lhe sou obrigado, porque me previne um desejo, que nunca talvez usaria exprimir.

D. LUIZ — Porque? — Escute-me. Se ha um mez formulasse esse desejo... que eu preveni agora sabendo que o prevenia... admirar-me-fa da audacia, e recusal-o-fa talvez. — Perdôe; estava cego; não o conhecia então, e, apezar de quarenta annos de experiencia, não conhecia este mundo em que vivi. — Agora não acceito, sollicito. — A lição foi rude, e cruel o desengano. — Nada me resta, é áminha pobre Ignez restaria um futuro de desesperação! — A minha confiança prova-lhe que ainda não descri de todos.

FERNANDO — Hei de ser digno d'ella.

D. LUIZ — Ha de ser. E'. Estou-lh'o dizendo. — Vou sair d'esta casa, que já não é minha. Despedi todos os meus criados. A guerra do Oriente dar-me-ha talvez occasião de acceitar um posto... seja qual for... já não escolho. Só lhe lembro uma cousa: — é o unico amparo que deixo a uma filha desamparada.

FERNANDO—Ha-de-me lembrar sempre que me sacrificou á sua condição, e teve fé na minha lealdade.

D. LUIZ—Não disfarço os meus erros. . . confessal-os é a sua expiação. Essas vaidades dissiparam-se. O infortunio egualou-nos. . . Não egualou. . . O artista é hoje muitas vezes superior. Sou eu que lhe peço que desça. E' um pae orgulhoso offerecendo a mão de sua filha!—Quem a havia de querer agora sem a amar? Quem havia amal-a sem a conhecer?—Digo isto a quem sabe que dizer-lho é a maior prova de estima.

FERNANDO—Diz isso a quem ha de abençoal-o e agradecer-lhe todos os dias da sua vida, porque nas mais férvidas ambições mal sonhára estas esperanças; e porque o thesouro que lhe dá não tem preço.

D. LUIZ—Tem. E' a felicidade d'ella. . . para que eu não morra desesperado!

SCEA VI

OS MESMOS E MANUEL MARIA

MANUEL MARIA—Posso fallar a v. ex.ª?

D. LUIZ (a Fernando) —Queira ir procurar Ignez. Participe-lhe a minha resolução—Penso que lhe será agradável!

FERNANDO—Espero que virão dous agradecer-lh'a (sae)

SCENA VII

MANUEL MARIA E D. LUIZ.

D. LUIZ—Manuel Maria, estimo que viesse. E' o mais antigo dos meus criados. Tem-me servido vinte annos com zêlo e fidelidade. Não posso agradecer hoje, como quizera, esses serviços, mas. . . (*tira um anel do dedo e entrega-lh'o*) Guarde isto. . . guarde-o em memoria do tempo que viveu em minha casa.

MANUEL MARIA (*com modo sacudido, revolvendo o anel nos dedos*)—Isto! . . . (*restituindo-lh'o*) Obrigado!

D. LUIZ (*dolorosamente*)—Acha pouco?

MANUEL MARIA (*como despeitado em toda a scena*)
Acho.

D. LUIZ (*á parte*)—Até este me castiga!

MANUEL MARIA—Fiz o que pude. Não servi a contento .. Paciecial (*partindo*)

D. LUIZ (*á parte*)—E' justa a humilhação até ao fim! (*alto*) Manuel Maria...

MANUEL MARIA (*voltando o rosto*)—Que manda v. ex.ª?

D. LUIZ—Não quero, que no fim de vinte annos, saia descontente de minha casa. Farei um sacrificio: pode contar com outra gratificação.

MANUEL MARIA—Ah! v. ex.ª continua?—Adeus, senhor D. Luiz (*limpando os olhos*) Não merecia isto, não; mas o que lhe hei de já agora fazer!

D. LUIZ—Venha cá.—Diga o que quer.

MANUEL MARIA—Nada.—No fim de vinte annos v. ex.ª despede os seus criados velhos. (*quasi chorando*) não faz caso d'elles. . . julga-os ingratos e indignos!—Que hei de eu querer—Ir acabar para ahí n'um hospital.

D. LUIZ—Mas, Manuel Maria. . . eu não posso conservar criados, não tenho já meios de lhes pagar!

MANUEL MARIA—E quem é que lhe pede paga, meu senhor?—Na minha idade posso lá acostumar-me a servir outra casa?—Cuidei que fazia parte da familia.—Enganei-me. Não faço. . . (*limpando os olhos*) Paciencia!—O que era escusado era insultar-me offerecendo-me recompensas.

D. LUIZ (*á parte*)—Oh! coração. onde te encontro! (*indo a elle e tomando-lhe a mão*) Manuel Maria, o criado está despedido: é irrevogavel.

MANUEL MARIA (*querendo tirar a mão—com voz lacrimosa*)—Vê! que dizia eu?

D. LUIZ (*estendendo-lhe a mão*)—Mas fica o amigo. Quer ser meu amigo?—Eu preciso agora d'elles!

MANUEL MARIA (*caindo-lhe aos pés*)—Amigo de v. ex. . . eul... eu, seu criado de vinte annos!—Seu criado sempre... sempre!—Pois essas meninas, que acalentei nos meus braços, e que esperava que me cerrassem os olhos... pois ellas não haviam ter quem as servisse, vivendo eu?—Sim, sim, criado de ambas, senhor D. Luiz... porque em fim a que falta ha de voltar... criado d'esta familia nos dias da desventura como o fui nos d'ias da prosperidade!

D. LUÍZ (*com uma das mãos nas mãos de Manuel Maria, e com a outra tapando os olhos*) Ah! já tenho lagrimas! (*ás portas dos quartos de Ignez apparece D. Beatriz, D. Ignez e Fernando, indicando os deus—Momento de silencio*)

SCENA VIII

OS MESMOS, D. BEATRIZ, D. IGNEZ E FERNANDO

(*D. Ignez, com Beatriz pela mão, vem ajoelhar, do outro lado, aos pés de D. Luiz—D. Luiz volta-se e vê Beatriz—afasta-se, e depois de breve momento de silencio, diz*)

D. LUÍZ—Levante-se, minha senhora.—O seu logar não é ahí.

D. BEATRIZ—O logar do peninente é aos pés do seu juiz.

D. LUÍZ—O logar da filha, que abandona seu pae, não é ao lado da outra filha... que o consola de ter perdido a primeira!—Deus castigou-me por onde pequei.—Por uma só olhei; olhava n'ella o meu orgulho.—Essa... morreu... A outra, na desigualdade de egoismo, nem quasi sabia que vivia, e esta é a que vive ainda para mim.—Não posso confundir uma com outra.—E' reparação de uma grande e longa injustiça!

(*Manuel Maria ergue-se, e afasta-se com respeito*).

D. IGNEZ—Meu pae, não se negará a ouvir aquella que não afasta de si.—Levanta-te, minha irmã. (*erguem-*

se) Entre duas desgraças escolho a mais profunda.—Vamos... Mandam-te morrer longe? Irei contigo, e, se não succumbir ao mesmo tempo, voltarei para receber a ultima benção!

D. LUIZ—Ignez!

D. IGNEZ—Estou resignada!... estamos resignadas ambas.—Cumpro o dever da piedade.—Desterra-a? Somos duas desterradas. — Não nascemos nós irmãs!

D. LUIZ—Oh! Deus! meu Deus!

D. IGNEZ (*com uma das mãos em volta da cintura de Beatriz*)—Irmãs recebemos a vida... irmãs receberemos a morte!

D. LUIZ—E por ella desprezas o amor de teu pae, que já não tem outro amor!... (*com voz tremula, indicando Fernando*) e... esse amor tambem... que é o teu futuro!

D. IGNEZ—Fôra a suprema felicidade... mas é impossivel... (*indicando tambem Fernando*) Elle sabe o, e approva-me.—Somos tres sacrificados!

D. LUIZ (*coabrindo o rosto com as mãos*)—Que lance!—e que força é precisa!

D. IGNEZ—Diga, meu pae, podia uma das irmãs ser feliz, ficando a outra desesperada?

D. BEATRIZ (*que tem estado suffocada em soluços—afastando a irmã, e adiantando-se*)—Deus sabe, meu pae.. Deus sabe, senhor, que não tinha aqui vindo buscar senão uma benção... a benção derradeira... a benção d'aquellas que se despedem para não voltarem ao mundo.—Deus sabe, que prostrada na penitencia da minha alma, não queria... não me julgava digna de juntar a minha voz á voz d'este anjo!—O erro e a innocencia devem viver separados... esta no céu da sua pureza... aquelle no abysmo do seu martyrio!—Deus sabe, que não vinha pedir senão uma palavra para morrer consolada.. e esperava-a, pois que Deus não permittiu que eu morresse na desesperação!—Foi esperança baldada, que se tornou em desengano maior.—Adeus, minha nobre e santa irmã..

acceita a felicidade, e guarda-a que a não saiba o mundo... N'um dia de experiencia aprendi lá a conhecel-a para mais a sentir perdida... Acceita a felicidade, porque a mereceste, porque é digna de ti, como tu és digna d'ella. (*indicando Fernando e D. Luiz*) São dous a quem a debes... e eu sou só a desmercel-a!—(*indo a Fernando, e estendendo-lhe a mão*) Adeus, Fernando, essa nobre mão, recebendo agora a minha, rocebe a gratidão! (*beijando a irmã na testa*) Adeus, minha irmã! Este osculo é o ultimo: deixo-te a saudade!—(*indo a Manuel Maria*) Adeus, primeiro guia da minha infancia! A voz que pedia por mim, ha de orar na minha sepultura!—(*como para partir*) Adeus, meu p..., meu juiz! A sentença é justa! (*afasta-se lentamente*)

D. LUIZ (*que não pode já suffocar a sua commoção, estende-lhe os braços transportado, exclamando*)—Filha!

D. BEATRIZ (*correndo a precipitar-se n'elles, e caindo-lhe aos pés, succumbida ao abalo*) Ah!

D. IGNEZ (*a Fernando, indicando o grupo*) Não ha corações de pedra!

FERNANDO—Aquelle coração é de pae!

(*Cae o panno.*)

ACTO IV

GABINETE EM CASA DE SIMPLICIO. ESTANTES DE PINHO EM OSSO, COM RUMAS DE PAPEIS. A' DIREITA, DEFRONTE DE UMA JANELLA, UMA LARGA CARTEIRA ANTIGA, DE COMMERCIO, TAMBEM COBERTA DE PAPEIS.

SCENA I

SIMPLICIO (*escrevendo á carteira*)—Penhora áviuva Pereira. Penhora nos bens do casal do fallecido João Go-

mes.—Penhora na mobilia de D. Luiz Coutinho.—Oh! co'a fortuna! Estas hypothecas de mobilia é necessario vigial-as de perto e fazel-as entrar quanto antes no deposito.—E' tão facil sonegar pratas!—Em fim, não correu mal o anno.—São mais vinte contos e duzentos, de lucro liquido, effectuadas as vendas e apurado o dinheiro.—Vamos a ver... vinte contos, com trescentos e setenta e cinco... trescentos e noventa e cinco contos, ganhos em nove annos, tendo principiado com... Sabe Deus com quê!—O mundo é de quem mais apanha —O caso é ter espezteza.—E ha gente que se ri das minhas especulações... Coitados!... Não sabem que as paixões e os vicios são a melhor especulação!... (*escrevendo*) São mais vinte contos que vou mandar á casa Shwart & Comp.^a de Londres.—Ali estão seguros os meus fundos—não ha que receiar emprestimos nem revoluções!—Não se faz bulha... não se sente; e, quando um dia!—muito tarde! —me cansar de ajuntar... se alguma vez cansar!... (*erguendo-se*) Oh! o ouro é a realeza, é a força, é a divindade do seculo... E' elle quem domina!... Não tenho eu ahi (*indica os papeis*) a fortuna, o credito, a honra e a consciencia de tanta gente! (*entra o Procurador*)

SCENA II

SIMPLICIO E O PROCURADOR

SIMPLICIO—Que é?

PROCURADOR—Venho receber as suas ordens.

SIMPLICIO—Ali tem o mandado de penhora contra a viuva Pereira. Ande com isso para diante, e depressa!

PROCURADOR—Valha-me Deus!—A viuva Pereira deitou-se-me hontem aos pés, e pediu-me quinze dias de espera sequer.—Uma penhora na fabrica é a sua ruina total.—Em quinze dias, effectuando algumas vendas, espera alcançar ao menos uma parte do dinheiro.

SIMPLICIO—Preciso todo.

PROCURADOR—Ella tem seis filhos menores.—Ficam a pedir esmolla.—Se visse aquellas lagrimas!...

SIMPLICIO—As lagrimas cristalisam-se em diamantes, e os diamantes vendem-se!

PROCURADOR—Mas cortam o coração!

SIMPLICIO—Se tinha coração para que se fez procurador?—Cada qual no seu officio. Eu não o obrigo.—Se lhe não convem, deixe.—Ha de haver quem queira.

PROCURADOR—Se eu não tivesse familia tambem!—Em fim... Custa ganhar a vida assim.—(*indo á carteira e procurando*) Aqui está o mandado.

SIMPLICIO—Bem.—D. Luiz Coutinho já foi citado?

PROCURADOR—Hontem.

SIMPLICIO—Esse negocio quero eu trata-lo pessoalmente.—Passou pelos filhos de João Gomes?

PROCURADOR—Estava o corpo ainda em casa.—Não tive animo.

SIMPLICIO—Senhor Jeronymo, quem não tem animo para as cousas não se mette n'ellas. Ha-de-me obrigar a intender-me com outro procurador.

PROCURADOR—Serão executadas as suas ordens.

SIMPLICIO—Desejo isso aviado quanto antes. Escrevo para Londres, e tenho precisão de dinheiro.

PROCURADOR—Não quer mais nada?

SIMPLICIO—Pode ir com Deus! (*o procurador sae*)

SCENA III

SIMPLICIO (*só*)—Este homem não me serve. (*indo fechar a porta*) Com as suas sensibilidades ridiculas perde um tempo precioso.—Ponham a sensibilidade a juro, e vejam quanto dá.—Aproveitemos este este intervallo para contar a somma que tenho de dar amanhã. (*vae a retirar-se: batem á porta*) Quem será!

SCENA IV

SIMPLICIO E DIOGO TRAVASSOS.

DIOGO—Está em casa o senhor Simplicio?—(*entrando*) Oh! estimo enconral-o.

SIMPLICIO—Ia agora mesmo tratar do negocio de v. ex.^a

DIOGO—E eu vinha por causa d'elle.—Chego da camara; a discussão foi tempestuosa.

SIMPLICIO—As cem libras estão amanhã em sua casa.

DIOGO—O ministerio foi derrotado.—Preciso d'ellas hoje mesmo.

SIMPLICIO—Foi derrotado o ministerio?—(*partindo*) Vou já buscar-lh'as.

DIOGO—Perdão.—Não são cem libras, são duzentas e cincoenta.

SIMPLICIO—Duzentas e cincoenta?—Então os ministros são demittidos?

DIOGO—Nas actuaes circumstancias é inevitavel.

SIMPLICIO—Queira v. ex.^a esperar um momento.—Trago-lhe já as duzentas e cincoenta libras.

DIOGO—Olhe, senhor Simplicio, pensando melhor—tresentas é conta redonda—tresentas libras.

SIMPLICIO—E quem vae substituir o gabinete?

DIOGO—Quando a opposição derrota o gabinete em epochas normaes, quem passa a ser governo?

SIMPLICIO—Então v. ex.^a . . .

DIOGO—Estão a assignar-se os decretos. Pode ir indagal-o.

SIMPLICIO—Vou buscar as quatrocentas libras.—V. ex.^a disse quatrocentas?

DIOGO—Diria. Tenho despezas forçadas.—Esta noute dou uma cea aos meus amigos politicos.—Venci por vinte e dous votos: não posso deixar de agradecer.

SIMPLICIO—Por vinte e dous votos!—Trago-lhe quinhetas. Talvez eu possa chegar até ahi.

DIOGO—Como quizer. N'uma occasião d'estas não se olha a miserias.

SIMPLICIO—Com as mesmas condições, não?

DIOGO—Seguramente. Espero não o importunar por muito tempo.

SIMPLICIO—E eu entrar no bolso dos meus adiantamentos. . . com algumas vantagens.—Triumpho a sua habilidade. V. ex.^a chegou em fim ao cumulo dos seus desejos.

DIOGO—Cheguei.—Hei de mudar a face d'esta terra. Já tenho dous projectos de lei preparados.

SIMPLICIO (*inquieto*)—Quaes?

DIOGO—Um sobre vinculos; outro sobre a emigração para o Brazil.

SIMPLICIO—Ah!

DIOGO—São duas questões connexas.—A liberdade da terra, e a offerta do trabalho. O solo e o braço.—Não approva?

SIMPLICIO (*com humildade*)—Oh! meu senhor, eu não vou além do meu negocio —V. ex.^a quer escrever uma pequena obrigação. . . na fôrma do costume. . . sabe?

DIOGO (*sentando-se á carteira e escrevendo*) E' muito justo. . . (*á parte*) Custa caro o poder, mas compra-se.

SIMPLICIO (*á parte*)—Não é barata a fortuna; mas vende-se. (*entra Estevão*)

SCENA V

OS MESMOS, E ESTEVÃO

ESTEVÃO—O senhor SImplicio. . . (*indo a elle*) Senhor SImplicio. . . pode-me dar attenção?

SIMPLICIO—Queira perdoar. . . está ali o senhor Diogo Travassos.

ESTEVÃO—Oh! o novo ministro!—Que lhe tinha eu dito, senhor Diogo Travassos?

DIOGO (*dobrando o papel, e entregando-o a Simplicio*)

cio)—Aqui está. (*a Estevão*) Já está publicado o decreto?

ESTEVÃO—Saíu agora o supplemento.

SIMPLICIO (*que tem percorrido o papel com os olhos*)
Hão de dar licença.—(*a Diogo, á parte*) Eu já volto.
(*comsigo*) Antes quero deixar aqui dous do que um. Vi-
giam-se um ao outro. (*sae*)

SCENA VI

DIOGO TRAVASSOS E ESTEVÃO DE MOURA

DIOGO (*continuando a conversação com Estevão*)—
Assim, D. Luiz Coutinho está perdido?

ESTEVÃO—Não lhe resta um ceutil.

DIOGO—Então já comprehendo a razão, porque dei-
xou fugir o casamento.

ESTEVÃO—Não o deixei fugir: fugi d'elle.

DIOGO—Percebo: não desejava a noiva, aspirava á
casa.

ESTEVÃO—Queria o mais solido. As lições de v.
ex.^a fizeram-me impressão. Já vê que acertou julgando-
me disposições.—O mundo é positivo, e eu não posso re-
formar o mundo!

DIOGO—Ah!—Parece-me que ha de fazer fortuna.

ESTEVÃO—Espero-o.

DIOGO—E como se passou isso?

ESTEVÃO—Como se costumam passar estas cousas.
Lagrimas nos olhos da filha, fúrias na bôca do pae.—
A vida é semeada de tempestades.

DIOGO—E affronta-as com denodo, senhor Estevão
de Moura.

ESTEVÃO—Tudo faz o costume.

DIOGO—Ah! está costumado.—Que idade tem?

ESTEVÃO—Trinta annos. Dizem que é a verdadeira
idade dos amores.

DIOGO—E especula com elles. Não tem perdido tem-

po.—Não precisa já de lições. Parece-me que póde dal-as.

ESTEVÃO—V. ex.^a lisongeia-me.—Preciso de certo, e agora mais que nunca.

DIOGO—Porque? Acha tropeços?—Com os seus recurso não me parece facil.

ESTEVÃO—Acho os tropeços da gente escrupulosa, que teima em ficar atraz do seu seculo.

DIOGO—E' verdade: ha d'isso ainda.

ESTEVÃO—O caso de D. Luiz fez bulha. Espalhou-se a prevenção, e todos os paes estão contra mim.—É uma injustiça.

DIOGO—Certamente.—A sociedade é cheia de contradicções.

ESTEVÃO—Que buscava eu ali? A fortuna.—É o mesmo que todos buscam, ou, pelo menos, a maior parte.

DIOGO—Foi direito ao alvo.

ESTEVÃO—E' economisar o tempo que se perde em divagações.

DIOGO—D'esse modo começa a achar difficuldades na sua. . . Como heide de dizer?

ESTEVÃO—Na minha industria.—Não me offende a palavra. Cada qual tem o que póde ter.—Confessar-lhe-hei mesmo sem rebuço que já se me tem fechado algumas salas. . .

DIOGO—O que é arruinar essa. . . essa industria: sirvo-me dos seus termos.

ESTEVÃO—Justamente.

DIOGO—Tudo tem os seus inconvenientes, meu amigo.—Se acha que eu lhe posso ser util. . .

ESTEVÃO—Na sua posição, utilissimo. Apenas ou-sava contar com tão alta protecção.

DIOGO—Deseja talvez um emprego?—Ha de ser difficil.—Entretanto, querendo esperar. . .

ESTEVÃO (*á parte*)—Bem se vê que já é ministro. (*alto*) Aos empregos todos aspiram. . .

DIOGO—Assim é. Tenho já tantos pretendentes!

ESTEVÃO—E ainda agora foi nomeado!— Se eu fosse também pretendente ficava confundido na turba.

DIOGO—Então não sei em que possa.

ESTEVÃO—Póde muito, sem ser isso. A sua intercessão torna-se omnipotente; e—quem sabe?—offerecem-se ás vezes occasiões. . .

DIOGO—Conte com a minha boa vontade. (*á parte*) E' melhor tel-o por amigo do que por inimigo. (*entra Simplicio*)

SCENA VII

OS MESMOS E SIMPLICIO

SIMPLICIO—(*entregando a Diogo um masso e alguns rolos*) Aqui tem v. ex.^a: póde verificar.

DIOGO—E' inutil.—(*despedindo-se—a Simplicio*) Apareça.

SIMPLICIO—Se v. ex.^a der licença, apparecerei. (*com intenção*)

DIOGO—Eu fico sendo o mesmo. . . para os meus amigos!

ESTEVÃO (*baixo a Simplicio*)—Preciso ainda do seu auxilio.

SIMPLICIO—Agora é impossivel.—D'aqui a dias, veremos.

ESTEVÃO (*á parte*)—Presente a baixa. Veremos, digo eu tambem. (*a Diogo que vae saindo*) Se v. ex.^a me dá licença, terei a honra de acompanhal-o.

DIOGO—Eu vou á secretaria Posso-lhe dar um logar na minha sege.

ESTEVÃO (*á parte*)—E' boa a occasião. A companhia de um ministro deve promover a alta. (*alto*) Estou ás ordens de v. ex.^a (*saem conversando*)

SCENA VIII.

SIMPLICIO (*só*)—Parece-me que nenhuma especula-

ção me ha de render tanto como esta.—Elles fazem o seu negocio; eu faço o meu.—Cada qual por si. No fim se verá qual é mais prudente! (*dirigindo-se á carteira*) Preciso acabar a minha carta para Londres.—(*reparando para a porta*) Ficou aberta.—(*indo para fechal-a*) Não, agora venha quem vier... (*chegando á porta assomam a ella D. Ignez e Manuel Maria*).

SCENA IX.

O MESMO, D. IGNEZ E MANUEL MARIA.

D. IGNEZ (*levantando o véu do chapéu*)—E' aqui o senhor Simplício?

MANUEL MARIA (*baixo indicando-o*)—E' elle mesmo.

SIMPLICIO (*A D. Ignez que se adianta*)—Quer-lhe alguma cousa? (*seccamente*)

D. IGNEZ (*intimidada*)—Sou filha de D. Luiz Coutinho...

SIMPLICIO—A que fugiu?

(*Manuel Maria deita a mão a uma cadeira, com ar ameaçador e furioso—a um gesto supplicante de D. Ignez, larga-a, e resigna-se*).

SIMPLICIO—Agora reparo... não é... é a mais nova... Que pretende?

MANUEL MARIA (*medindo Simplício com olhos furibundos, e chegando uma cadeira a D. Ignez*)—Queira sentar-se, minha senhora.

D. IGNEZ (*recusando a cadeira*)—Não, Manuel Maria, obrigada. Venho pedir; convem-me só a attitude da supplica.

SIMPLICIO—Ah! vem pedirt. . .

D. IGNEZ (*a Simplício*)—Meu pae está ameaçado de uma penhora em sua propria casa.

SIMPLICIO—Quem deve pagar.

MANUEL MARIA—Ha de pagar.

D. IGNEZ (*para o criado*)—Mais paciencia, Manuel Ma-

ria! (*Manuel Maria applaca-se; D. Ignez continua para Simplicio*) Meu pae ha de pagar, sim; a sua palavra é sagrada.

SIMPLICIO—Mas entretanto quer ver se demora o pagamento.

D. IGNEZ—Podia deixar de o insultar... mas eu venho preparada para tudo.—Meu pae nada sollicita.—Deve conhecê-lo.—Venho aqui sem elle o saber. Só hontem pude apreciar o estado da nossa casa; e eu sei o que é para elle o golpe com que o fere... depois de tantos golpes! Pedi a este criado antigo... não digo bem... a este amigo fiel... que me acompanhasse...

SIMPLICIO (*indicando Manuel Maria*)—Ah! é amigo da casa... agora?—Subiu.

MANUEL MARIA (*rudemente*)—E' verdade.—Ha cousas que fazem subir uns e descer outros.

SIMPLICIO—A justiça é quem manda. (*para D. Ignez*)

D. IGNEZ—A justiça!—Ha então uma justiça que entrega por vil preço os despojos de uma familia honrada a quem se faz poderoso devorando-a!

MANUEL MARIA (*approvando*)—Bem!

D. IGNEZ (*caíndo em si*)—Perdõe.—A dôr desvai-ra... e mais ainda a dôr de um pae... que dóe duas vezes no coração de uma filha—Será justiça... é...

SIMPLICIO—Dirija-se a ella.

D. IGNEZ—Prefiro dirigir-me á piedade.

SIMPLICIO (*sorrindo*)—E' genero que não tem collação na praça!

D. IGNEZ (*juntando as mãos*)—Não posso crer ainda que ella morra de todo no coração mais impedernido.

SIMPLICIO—E' escusado gastar palavras. Preciso do dinheiro que seu pae me deve. O prazo acabou. Não me paga. faça-o pagar,—A lei é por mim.

D. IGNEZ—E a razão por quem é?—Esta vergonha, aos olhos de todos, é acabar com meu pae!—Elle não quer deixar de lhe pagar. Ha-de-lhe satisfazer até ao ul-

timo real.—Venho só pedir-lhe que não prosiga na penhora. Basta que nos dê alguns dias mais.—Venderemos tudo, e tudo lhe entregaremos fielmente.—Mas a penhora, não.

SIMPLICIO—E depois quem responde?—Mulheres não intendem de negocios.

D. IGNEZ—Não: intendem só supplicas! Não quero que faça um sacrificio gratuito! (*entregando-lhe uma caixinha*) Aqui tem. E' um adreço que me ficou de minha mãe.—Não possuo mais nada.—Aceite-o... disponha d'elle—Será o premio da demora... mas...

SIMPLICIO (*que tem aberto a caixa, e examinando attentamente*)—Póde valer duzentos mil réis,—(*vae metter a caixa na carteira*)

MANUEL MARIA (*atirando com uma carteira de bolso acima dos papeis*)—Veja tambem.—Estão ahi trinta moedas.—Juntei-as para outra ccusa.—Nunca pensei que fossem parar a taes mãos.

D. IGNEZ—Manuel Maria, não consintol..

MANUEL MARIA—Deixe, menina—Leva-as o diabo.. perdãol... metto-as no inferno... mas é para bom uso!

D. IGNEZ—Oh!—privar-se d'esse modo...

MANUEL MARIA—Foram ganhas em sua casa.. eram suas.—Quer affligir o seu criado velho?

SIMPLICIO (*que tem contado as notas, guardando tambem a carteira*)—São trinta, mas em nolas:—lêem desconto.

D. IGNEZ—Agora, ao menos, conceder-nos-ha algum tempo.—Quanto baste para fazer a venda sem intervenção da justiça!

SIMPLICIO—Conceder tempo!—A'manhã ha de entrar tudo no deposito.

MANUEL MARIA (*tornando a agarrar na cadeira, furioso*)—Oh!

D. IGNEZ (*supplicante, a Manuel Maria*)—Quer perder-nos de todo?

MANUEL MARIA (*largando a cadeira, e avançando um passo*)—E então isso tudo que arrecadou?

SIMPLICIO—São tresentos e quarenta mil réis, pouco mais ou menos.—Póde ficar á conta.—Se querem, passo recibo. (*para Ignez*) Esteja descansada que ha de ser fielmente descontado. Mas seu pae deve-me quatro contos seiscentos e sessenta mil réis.—Todos sabem que eu sou de boas contas.

MANUEL MARIA (*á parte, contendo-se a custo*)—Não ter eu vindo só!

D. IGNEZ (*juntando as mãos*)—Oh! Deus do céu!—Pois é possível que nada o faça commover?—Havia de ter um pae. . . por sua alma lhe peço!—Tem filhos talvez. . . (*Simplicio estremece*) pela sua felicidade lhe rogo, que tenha compaixão!—Se é preciso, (*ajoelhando*) aqui estou de joelhos a seus pés. . . e não me levanto d'elles sem ter alcançado o que tanto me custou a vir supplicar-lhe! (*procurando tomar-lhe a mão*) Oíça-me.—E' possível deixar de ouvir uma filha!—Não responde? . . .

SIMPLICIO—Respondo. . . que tenho que fazer!

D. IGNEZ (*tomando-lhe effectivamente a mão*)—Oh! não, não!—Tanta dureza é impossível. . .

(*Fernando, que tem apparecido á porta poucos minutos, adianta-se, vem ao meio d'elles, e levanta Ignez com respeito, arrancando-lhe a mão d'umão de Simplicio*)

SCENA X

OS MESMOS E FERNANDO

FERNANDO (*separando Ignez de Simplicio*) Aquella mão está ensopada em lagrimas: mancha quem a toca.—Quem só deve ajoelhar a Deus, não ajoelha diante. . . d'isto! (*indicando Simplicio com supremo desprezo*)

SIMPLICIO—Eu estou em minha casa!

FERNANDO (*a Ignez, sem fazer caso de Simplicio*)

Sube que veio aqui, e sube o que veio fazer. Não precisava sabel-o para respeit-a como se respeitam as cousas sagradas!—(a *Simplicio*) Agora é que lhe fallo.—Sou artista: o meu trabalho é uma garantia:—respondo pela divida do senhor D. Luiz Coutinho.

SIMPLICIO—E quem me responde pelo senhor? (*sor-rindo com sarcasmo*)

FERNANDO (*dando um passo ameaçador para elle; depois moderando-se*) Agradeça a este anjo a impunidade.

D. IGNEZ (*assustada e supplicante*)—Oh! Fernando!

FERNANDO (*agarrando no braço de Simplicio, e ver-gando-o aos pés de D. Ignez*)—Agradeça-lh'o. . . de joelhos.

MANUEL MARIA (*enthusiasmado*)—Bravo!

SIMPLICIO (*levantando-se furioso, e saindo um mo-mento*)—N'esta terra ha justiça.—Verão.

D. IGNEZ (*a Fernando*)—Vamo-nos, Fernando, vamo-nos! (*tremula*)

FERNANDO (*dando-lhe a mão respeitosa-mente*)—Vamos, minha senhora.—Esta casa é maldicta.

MANUEL MARIA (*esfregando as mãos*)—Ao menos vou consolado! (*dirigindo-se todos tres á porta. encontram Simplicio, que volta de dentro, de chapéu na cabeça, como para sair. Ao passar Fernando detem-o, e lança-lhe fóra o chapéu*)

FERNANDO—Deixe passar a victima.—Descubra-se diante das suas lagrimas! (*indicand' D. Ignez. Simplicio recua furioso. Os tres passam.*)

(*Cae o panno.*)

ACTO V

A MESMA SCENA DO PRIMEIRO ACTO

SCENA I

SIMPLICIO E D. LUIZ

(Simplicio e D. Luiz entram do fundo.—Os modos de Simplicio de humildes tornaram-s, arrogantes.—D. Luiz mostra uma resignação austera e digna)

SIMPLICIO—E foi para isto que me mandou chamar?

D. LUIZ—Foi.—Viu bem tudo? Está tudo como estava? ha tudo quanto havia?

SIMPLICIO—Pouco mais ou menos.—A proposito, falta um cavallo na cavallariça. Ainda podia valer as suas vinte moedas.

D. LUIZ—Morreu.—Não me era possivel impedir a morte.

SIMPLICIO—Então agora o que quer?

D. LUIZ—Viu tudo com os os seus olhos? tem a certeza de que não lhe faltam valores ainda superiores á somma . . . pela qual me deu metade?

SIMPLICIO—Foi contracto: eu não vim metter-lh'o á cara

D. LUIZ—Foi contracto. . . e cumpro.—Esta casa deixou já de ser minha. . . é sua. Disponha d'ella. . . vigie. . . entrego-lhe tudo voluntariamente. . . mas suspenda a execução, e não me metta aqui a justiça.—Desejo poupar este ultimo dissabor a minhas filhas.

SIMPLICIO—D'esse modo. . .

D. LUIZ—Peço-lhe unicamente. . . e só até amanhã . . . que me deixe livres os quartos d'ellas, e esta sala para

receber as minhas visitas—(*sorrindo tristemente*) Não são muitas!

SIMPLICIO—Esta sala communica com os quartos?

D. LUIZ—Communica.

SIMPLICIO—Não tem uma sahida para o jardim?

D. LUIZ—Tem.

SIMPLICIO—E o jardim tem porta para outra rua, não?

D. LUIZ—Não diga mais: intendo-o.—Receia que.. E' mais um ultraje; mas já não os conto.—Disponha tambem d'esta sala.

SIMPLICIO—Muito bem.—(*á parte*) Não a perco de vista.

D. LUIZ—Não temos agora mais que tratar.—Permitta que vá acompanhar minhas filhas. (*como para sair*)

SIMPLICIO—Queira perdoar.—Eu estou aqui em segurança?

D. LUIZ—Não accrescente os insultos.—Já lhe disse que pôde dispôr de tudo e de todos. (*sae para os quartos das filhas*)

SCENA II

SIMPLICIO (*só*)—Afinal todos estes orgulhos dobram.—Não disse eu que o dinheiro é hoje o unico rei?—Oh! mas falta ainda vingar-me! Não me conhecem.—Atrever-se aquelle homem, aquelle imprudente, no meu proprio domicilio... Hei de vingar-me!

SCENA III

SIMPLICIO E ESTEVÃO

ESTEVÃO—O senhor Simplicio em casa de D. Luiz!

SIMPLICIO—Engana-se; estou em minha casa.—Recebeu o meu recado?

ESTEVÃO—Recebi um recado para vir aqui fallar-lhe; e confesso que não atino...

SIMPLICIO—Ha de sabel-o.

ESTEVÃO — Está então disposto a fazer mais algum negocio comigo?

SIMPLICIO—Talvez.—Conhece um tal Fernando... um artista, ou não sei que... do conhecimento de D. Luiz?

ESTEVÃO—Conheço. E' um pintor que estudou em Roma. Era mestre de desenho de suas filhas.

SIMPLICIO—E quacs são as suas relações com a familia?

ESTEVÃO—Dizem que está para casar com a filha segunda.—Quem o havia de acreditar!

SIMPLICIO—Suspeitava-o eu.

ESTEVÃO—Que quer?—Na posição actual de D. Luiz é ainda uma fortuna.

SIMPLICIO (*á parte*)—Tenho a minha vingança. (*alto*) Elles amam-se?

ESTEVÃO—Taes casamentos só se fazem por amor.

SIMPLICIO—Quando se fazem.

ESTEVÃO—E porque se não ha de fazer esse?

SIMPLICIO—Porque eu não quero.

ESTEVÃO (*admirado*)—Ah!

SIMPLICIO—Sabe quanto me deve, senhor Estevão de Moura?

ESTEVÃO—Eu não —E o senhor?

SIMPLICIO—Deve-me quatro contos e setecentos mil réis.

ESTEVÃO—Está na sua mão dever-lhe cinco contos. E' numero redondo. Equivale á sorte grande. Tinha mesmo que lhe fallar a esse respeito.

SIMPLICIO—Se eu publicasse que o senhor Estevão de Moura contrahiu dividas que não podia pagar...

ESTEVÃO—Fazia mal; eram todos contra o senhor e arriscava a sua reputação de homem esperto.

SIMPLICIO—Tem razão. Ha melhores recursos.—Que me diz áquella escriptura falsa?...

ESTEVÃO—Ah! tornâmos!—Não me bati; fiz-lhe a vontade. Que mais quer?

SIMPLICIO—Para me fazer a vontade falta uma cousa.

ESTEVÃO—Qual? (*á parte*) Este homiem arripia-me de calafrios.

SIMPLICIO—Prepare-se. Volte d'aqui a meia hora, e peça a D. Luiz a mão de sua filha segunda.

ESTEVÃO (*recuando attonito*)—Como! Depois do que se passou com a primeira?

SIMPLICIO—Justamente por isso. (*com ar constricto*) Bem vê que deve uma reparação á familia.

ESTEVÃO—E é o senhor que me diz isso!—o senhor, com esses modos!

SIMPLICIO—Os modos dependem das circumstancias.

ESTEVÃO—Mas a filha segunda de D. Luiz nada tem.

SIMPLICIO—Que lhe importa? Eu é que perco.

ESTEVÃO—Não ha de querer perder, está visto.

SIMPLICIO—Engana-se.

ESTEVÃO (*attonito*)—Pois o senhor, sacrifica. . .

SIMPLICIO—Alguns punhados de ouro?—E se elles me dão, como espero, um prazer equivalente!—O ouro vale a forga; é o que o torna precioso.—Julgava-me um avarento de contedia, afferrolhando pelo prazer de contar Oh! não: calculo e empolgo pelo prazer de dominar.

ESTEVÃO—Mas as minhas esperanças e projectos?

SIMPLICIO—Ficará mais adiantado, em se sabendo que fez uma escriptura falsa?

ESTEVÃO—Sou victima então de uma combinação infernal!

SIMPLICIO—E' victima da posição em que se collocou.

ESTEVÃO—Oh! . . . o senhor não tem alma!

SIMPLICIO—E desde quando suppõe o senhor Estevão de Moura que existe a alma?

ESTEVÃO—Vaidade humanal

SIMPLICIO—Eu não o obrigo; póde aceitar ou rejeitar.

ESTEVÃO (*cedendo e bálbuciendo*)—Com que rosto hei de eu apresentar-me a D. Luiz?—Como ha de elle consentir?

SIMPLICIO—Pelo que respeita ao consentimento, havemos fazer-lhe as diligencias.—Pelo que toca ao rosto, apresente-se-lhe com o mesmo que tinha quando lhe recusou satisfação.

ESTEVÃO (*aniquilado*)—Disponha de mim: estou nas suas mãos. Mas permitta-me observar-lhe, que esta rapida mudança. . .

SIMPLICIO (*rindo*)—Escrupulos agora!—Oiga.—Cuidei que era mais sciente do mundo.—A filha de D. Luiz refugiou-se em casa de sua irmã; por consequencia é evidente que ninguem melhor do que o senhor Estevão de Moura pôde apreciar a gravidade de tal passo. Pedindo a mão de sua irmã, aos olhos do mundo prova, —o senhor, o melhor juiz d'esta causa,—que não repula manchada aquella familia. Nas circumstancias actuaes de D. Luiz nem essa quasi reparação pôde recusar.—E depois eu tenho outros meios de obrigar-o. . . sabe.—(*entra Diogo Travassos*) Chega o ministro.—Bem vê que tenho alguma influencia. Espero-o dentro em meia hora.

(*Estevão saindo cruza-se com Diogo, aperta-lhe a mão, e retira-se*)

SCENA IV

DIOGO E SIMPLICIO

DIOGO—Disseram-me que estava aqui o senhor Simplicio, e aproveitei a occasião, porque de uma vez preencho dous fins.—Pelo que vejo tem intimidade com D. Luiz Coutinho.

SIMPLICIO—Agora. . . toda.

DIOGO—Conheço bastante a sua posição, para saber que me pôde dar informações preciosas.

SIMPLICIO—O que eu poder. . .

DIOGO—E' verdade, como se diz, que D. Luiz está de todo perdido? deve saber.

SIMPLICIO—Perfeitamente perdido: é verdade.

DIOGO—Tanto melhor!

SIMPLICIO—Tanto melhor?

DIOGO—Certamente. N'essa situação receberá com reconhecimento uma collocação importante, que venho offerecer-lhe. Estimo ter de antemão informações seguras a seu respeito. Ha de comprehender-me o senhor. Um poder novo que se instaura precisa rodear-se de sympathias influentes. Attrahil-as é longo: creal-as é mais seguro. D. Luiz é pessoa de auctoridade e representação; e, portanto, bem vê... —Poderia fallar-lhe?

SIMPLICIO—V. ex.^a não precisa dos meus conselhos. Admiro a sua previsão. De certo D. Luiz ficará lisongeado com a sua visita; e, se eu me atrevesse, pedir-lhe-ia a sua intervenção...

DIOGO—A minha intervenção, em certos casos, fórma parte das nossas convenções.

SIMPLICIO—N'este, não.—mas se v. ex.^a quizesse...

DIOGO—Diga.

SIMPLICIO—E' uma bagatella.—E' unicamente recommendar a pretensão de uma pessoa—por quem me interesse—que deseja obter a mão da filha segunda de D. Luiz.

DIOGO—E' só isso? Fallaremos.—Temos tempo.

SIMPLICIO—Certamente, fallaremos.—Permitte-me que lho faça ainda uma pergunta!

DIOGO—Se não fôr muito longa...

SIMPLICIO—Duas palavras.—Os projectos?

DIOGO—Quaes projectos?

SIMPLICIO—Os dous projectos de lei sobre vinculos e sobre a emigração para o Brazil.

DIOGO (*tirando dois papeis da algibeira*)—Tenho-os comigo. Hoje mesmo hei de apresental-os na camara. Quero inaugurar a minha administração com actos decisivos, e realisar de uma vez as idéas a que tenho sacrificado tudo.

SIMPLICIO—V. ex.^a deixa-m'os ver?

DIOGO—E' curioso, o senhor SImplicio!—Deixo.— Não acho inconveniente.—A'manhã serão publicos.

SIMPLICIO (*tomando os papeis*)—V. ex.^a esqueceu de certo que as nossas convenções pactuavam um auxilio mutuo.—Eu confiei-lhe a fortuna para chegar ao poder.—v. ex.^a obrigou-se a servir-me quando o tivesse. (*rasga os papeis*)

DIOGO—Que faz?

SIMPLICIO—Recordo-lhe a condição que lhe esqueceu.

DIOGO—Pois atreve-se! . . .

SIMPLICIO—Comprei-lhe os seus meios de influencia, e não foi de certo para lhe entregar os meus meios de fortuna.

DIOGO—Então estes dois projectos de lei...

SIMPLICIO—Cortavam o andamento da minha fortuna!

DIOGO—Que tem com a emigração para o Brazil?

SIMPLICIO—V. ex.^a julgava ter visto tudo? — Não observa que a alliciação é rendosa.

DIOGO—Mas a lei dos vinculos? Libertados elles, entra no bolso dos adiantamentos, que possa ter feito. E' como um prompto pagamento.—Algumas familias ficariam reduzidas á miseria; mas a idéa geral triumphal!

SIMPLICIO—A lei dos vinculos não me faz perder os lucros passados; mas tira-me os ganhos futuros. Dizem que os selvagens da America decepam a arvore para lhe colher os fructos. V. ex.^a imitava-os.—Póde ser bom no seu ponto de vista.—Eu opponho-me.—E' bom segundo o meu modo de ver.

DIOGO—Oppõe-se!—Faz-me rir, senhor SImplicio.—E' apenas um dia de demora.—Obriga-me só a mandar tirar novas cópias. A'manhã apresento os projectos.

SIMPLICIO—Não apresenta.

DIOGO—Porque?

SIMPLICIO—Porque eu não quero.

DIOGO—Conhece-me pouco.

SIMPLICIO—A minha força é conhecel-o.

DIOGO (*depois de pausa*)—Percebo.—Medita a publicação dos documentos que possui! Não é isto? — Imprudente!

SIMPLICIO—Não se accuse. Não foi imprudente. Era inevitável. Sem esses documentos não lhe confiava eu os meios de influencia; sem estes não chegava aonde chegava.

DIOGO—Uma pedra faz saltar o carro. Soçobro n'um obstaculo, tão pequeno que nem o via!

SIMPLICIO—Os cachopos que se não vêem são os que produzem mais naufragios.—Não será culpa minha se o poder nascente ficar desmoralizado nos primeiros dias. Os ministros demittidos e os homens da situação caída hão de acolher favoravelmente revelações que. . .

DIOGO—Senhor Simplicio, pensou bem com que homem rompia taes hostilidades? (*como para sair*)

SIMPLICIO—Não quer que lhe mande chamar D. Luiz?

DIOGO—Não. Agora não.—Voltarei talvez. Preciso reflectir.

SIMPLICIO—V. ex.^a ha de reflectir. (*detendo-o ainda*) Para auxiliar as reflexões de v. ex.^a permita-me que lhe faça ainda duas observações.—Os documentos estão seguros, e tenho comigo um passaporte para Londres.

DIOGO (*aterrado, saindo*)—Oh! não basta ser de marmore para ficar invulneravel!

SIMPLICIO (*acompanhando-o*)—O metal é que talha o marmore.

SCENA V

SIMPLICIO (*só*)—E' mais um que deixa o orgulho no caminho. Xisto V procurava a thiara encostado á muleta. A realza do ouro tenho-a eu procurado, cavando nas entranhas da sociedade, dobrado sobre ella. (*entra Fernando*)

SCENA VI

SIMPLICIO E FERNANDO

FERNANDO—Perdão.—Cuidada encontrar o senhor D. Luiz.—(*reparando em Simplicio*) O senhor n'esta casa!

SIMPLICIO—Em minha casa.

FERNANDO—Já aqui não habita o senhor D. Luiz?

SIMPLICIO—Habita; mas o dono sou eu.

FERNANDO—Ah!—(*sentando-se*) Em quanto aqui habitar o senhor D. Luiz não reconheço outro dono.

SIMPLICIO—Como! Não sae d'aqui?

FERNANDO—Não. O senhor é que ha de saír.

SIMPLICIO—Pretende obrigar-me?

FERNANDO—Advirto-o sómente. Sou visita do senhor D. Luiz, e não o sou sua. Preciso fallar com s. ex.^a, e não tenho que fallar com o senhor! O senhor D. Luiz habita aqui. Espero-o. Como não temos nada que tratar, pertence-lhe saír.

SIMPLICIO—Saio. (*ameaçador*) Mas volto.

FERNANDO—Volte. Que tenho eu com isso?

SIMPLICIO—Talvez tenha (*Fernando encolhe os hombros, e indica-lhe a porta*) Até já.

FERNANDO—Escusa de se apressar; tanto mais que ahi vem o senhor D. Luiz, e como eu tenho que fallar com elle. . .

D. LUIZ (*entrando sem reparar*)—Manuel Maria. . .

SCENA VII

SIMPLICIO, D. LUIZ, E FERNANDO

D. LUIZ (*reparando em Fernando*)—Oh!—Ainda bem que vejo um rosto amigo.

FERNANDO (*a Simplicio, que parára á porta*)—Se encontrar o criado do senhor D. Luiz, diga-lhe que o chama s. ex.^a! (*Simplicio faz um gesto furibundo, e sae*)

SCENA VIII

D. LUIZ E FERNANDO

D. LUIZ (*apertando a mão*)—Oh! que situação esta!

FERNANDO—Tenho um presentimento que ha de acabar.—V. ex.^a tem parentes em Braga?

D. LUIZ—Um cunhado. Um tio materno de Iñez.

FERNANDO (*tirando uma carteira da aljibeira*) Venho do correio. Ia procurar os jornaes de Italia. Entregaram-me lá uma carta para v. ex.^a Vem com sinete preto.

D. LUIZ (*tomando a carta*) Uma carta de Braga! —Que mais será? (*abre a carta, lê-a rapido e agitado, e acaba n'um transporte de alegria—chamando*) Iñez!.. Beatriz!.. (*abraçando Fernando*) Oh! meu amigo!

FERNANDO—Que é?

SCENA IX

OS MESMOS, D. IGNEZ E D. BEATRIZ

D. BEATRIZ—Meu pae!

D. IGNEZ—Que agitação!

D. LUIZ (*mostrando a carta a D. Iñez*) Iñez... Iñez... lê.—Teu tio... deixou-te sua herdeira universal.—Ao menos tu serás feliz.

D. IGNEZ (*no primeiro transporte*) Estamos salvos.. está salvo, meu pae!—(*abraçando a irmã*) Minha irmã, ainda podes ter esperança!

D. BEATRIZ—Esperança!... eu!—(*Fernando fica de parte, triste e abatido*)

D. IGNEZ—Oh! meu pae!... e esta fortuna chega para resgatar a sua casa?

D. LUIZ—Oitenta contos.—Ainda excede.

D. IGNEZ—Oh! meu Deus! sois justo e bom. (*com immenso jubilo*) Graças vos sejam dadas... voltou a for-

tuna... mas... (*com reflexão*) acompanhada da tristeza. —E' a imagem do mundo!—Meu pae, dêmos lagrimas aos mortos! (*entra Manuel Maria, que vem pôr um jornal em cima de uma das mezas*)

SCENA X

OS MESMOS E MANUEL MARIA

MANUEL MARIA—Aqui estão os jornaes.

D. LUIZ—Manuel Maria, a minha casa toma toda luto. Morreu o senhor Francisco Pacheco, tio da senhora D. Ignez, que é sua herdeira.

MANUEL MARIA (*no primeiro instante com alegria*) —Oh!—(*gravemente*) Deus seja com a sua alma, e Deus lhe pague os seus beneficios! (*sae*)

SCENA XI

OS MESMOS, MENOS MANUEL MARIA

FERNANDO (*adiantando-se*) Senhor D. Luiz Coutinho, o luto e a fortuna entram de novo em casa de v. ex.^a Estão pois de novo mudadas as condições.—Tinha a sua palavra: restituo-lh'a. Não abusarei d'ella.—Achei esperanças quando ellas d'aqui saíram.—Hoje, que outras voltam, acabam as minhas!

D. LUIZ—Que diz?

D. IGNEZ—Jesus!

FERNANDO—Pobre, podia acceitar a mão da senhora D. Ignez: offerecia lhe uma compensação.—Rica, a sua jerarchia aponta-lhe outros destinos; o nome de v. ex.^a impõe-lhe outros deveres.—O mundo chamaria ambição ao que era amor.— Eu perdi tudo.—Já não tenho patria, porque já não espero familia!

D. LUIZ—E julga que D. Luiz Coutinho mancharia o seu brazão com uma infamia!—O que está decidido,

está decidido!—Esta fortuna é de minha filha. Não lhe vem dos titulos de seu pae: vem-lhe da familia de sua mãe, nobre pela honra.—A' honra a entrego. A alliança é igual. Não podia achar outra maior!—Ella deu-lhe a sua mão e o seu coração.—E' seu tudo.—Não tem direito de rejeital-o.

D. IGNEZ—Não, meu pae: Fernando tem razão.—O que elle faz, faria eu.—O artista tem o orgulho do seu trabalho, e é justo!—Não quer dever nada aos homens; porque nada deve senão a Deus!—A noiva de Fernando, rica dos bens vulgares, seria uma affronta para o artista, rico de um bem que se não compara!—Pareceria um contracto humano o que é decreto da Providencia! (*indo a Fernando*) Aqui tens, Fernando, a minha mão. A' face dos meus l'a entrego sem pejo e com orgulho. Vê-a... Não vem calçada de ouro: podes apertal-a sem constrangimento.—Leva-te amor que inflamma, e não metal que esfria.—A fortuna permittiu-me Deus dispôr d'ella; mas não é nossa.

D. Luiz—Que dizes, filha?

D. IGNEZ—Meu pae, esta fortuna é o resgate da sua casa; e essa casa pertence a minha irmã!

D. Luiz—Não, ella não pôde aceitar...

D. BEATRIZ—Pelo contrario, meu pae; aceito.

SCENA XII

OS MESMOS, SIMPLICIO E ESTEVÃO

SIMPLICIO—Senhor D. Luiz, venho trazer ao aprisco uma ovelha desgarrada.

D. Luiz—Como! Pois o senhor Estevão de Moura ainda se atreve a apresentar-se n'esta casa?

SIMPLICIO—Arrependido, senhor D. Luiz, arrependido. Deve desculpar as imprudencias da mocidade.—Queira fallar, senhor Estevão de Moura

ESTEVÃO — Fui duplicadamente culpado: duplicadamente o confesso. Venho aqui em expiação. . .

SIMPLICIO (*baixo*)—Ande.

ESTEVÃO—Supplico. . . supplico-lhe a mão. . .

D. LUIZ—De minha filha?

ESTEVÃO (*com força*)—Da senhora D. Ignez—tinham-me enganado. . . a reparação é quasi igual.

D. LUIZ—A mão de Ignez! . . . (*largo silencio*) Percebo.—Soube que Ignez acaba de herdar a fortuna de seu tio. . .

ESTEVÃO (*a Simplicio, á parte, n'um movimento de alegria*) Obrigadol

D. LUIZ—E procura-a aonde ella se acha—Ao menos é franco—E' pena que venha tarde. A escolha de minha filha está feita, e eu approvo-a. Ali está seu marido.

SIMPLICIO (*baixo, a D. Luiz*)—Desmanche esse casamento.—Senão ámanhã faço executar a penhora.

D. LUIZ—A' manhã ha de ser integralmente pago de todos os seus creditos.—E não torne mais a apparecer-me.

D. IGNEZ—Disse que se enganou, senhor Estevão de Moura, teve razão.—A reparação que deve, deve-a a uma só pessoa. Se a fortuna era estorvo, que o não seja. . . a casa de meu pae fica livre, e minha irmã é a herdeira. - (*dando a mão a Fernando*) Eu sou rica de mais.

ESTEVÃO - N'esse caso. . . —Era permittida a hesitação entre merecimentos tão eguaes; mas uma vez que. . .

D. BEATRIZ (*á parte*)—Faltava este ultraje!

ESTEVÃO (*baixo, a Simplicio*)—Pago-lhe tudo. (*alto a D. Luiz*) Se v. ex.^a consente em esquecer. . .

D. LUIZ (*indicando D. Beatriz*)—Ali tem o seu juiz.

ESTEVÃO (*a D. Beatriz*)—Minha senhora . . .

D. BEATRIZ (*adiantando-se*)—Cumpre-me fallar em fim. Aceitei a doação da tua fortuna, minha irmã, porque era a condição da tua felicidade!—Vê quantas vile-

zas andam ligadas a essa fortuna, e quantos insultos ella inspira!—Senhor Estevão de Moura, meu pae fez-me juiz: sel-o-hei.—Offerecia a troco do ouro uma reparação para o nome; mas a do amor ao coração, quem a dá?—*(para Ignez)* Oh! minha boa e santa irmã, sê tu feliz!—Não haja ventura para mim.—O passado... mataram-m'o... e mataram-me o futuro com elle!—Póde haver alliança entre uma alma em ruinas e um homem sem alma?—É' tarde para tudo... porque nem a illusão me resta.—A minha desgraça está feita. Aceitar a sua sollicitação era aggraval-a.

D. IGNEZ—Oh! minha irmã, e o teu futuro?

D. BEATRIZ—E' no seio de Deus!

ESTEVÃO *(que está de parte com Simplicio)*—Está perdida de todo a minha industria! *(fica abatido)*

(Diogo entra agitado—comprimenta e mo attonito de achar todos reunidos; depois dirige-se a Simplicio.— Os tres formam um grupo separado)

SCENA XIII

OS MESMOS E DIOGO TRAVASSOS

DIOGO *(baixo, a Simplicio)*—Reflecti.—Retiro os projectos.

SIMPLICIO *(sorrindo)*—Isso sabia eu.

DIOGO *(á parte, com um gesto desesperado)*—Onde se quebra a vontade humana!

SIMPLICIO *(com orguho—á parte)*—Elle tem o poder, e eu dirijo-o! O ouro é rei! *(toma um jornal e percorre-o com os olhos)*

D. Luiz e Beatriz conversam a um lado--Fernando e Ignez occupam o meio)

D. BEATRIZ (*a seu pae*)—A'manhã retiro-me a um convento. Minha irmã fica sua herdeira.

SIMPLICIO (*do outro lado, caído n'uma cadeira fulminado*)—Oh!...

(*Movimento de curiosidade geral—os grupos ficam porém distinctos*)

DIOGO—Que é?

SIMPLICIO (*com voz desfallecida*)—Estou perdido!..
—A casa Shwart & Comp.^a, de Londres... quebrou!

FERNANDO (*indicando os tres*)—A estalua, com ser de marmore, não resiste ao raio!

D. IGNEZ—Só lhe resiste o coração... que Deus fortifica!

(*Cae o panno.*)

ESBOÇO CRÍTICO

DOS

HOIENS DE MARMORE

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

MENDES LEAL.

PARA inventar uma idéa cujo germen em nenhuma parte se encontre, seria mister inventar toda a humanidade: — Estas palavras d'um celebre critico dispensam-nos de reíncidir nas questões ociosas, que a aparição d'este drama tem naturalmente provocado.

A litteratura desde 1830, e muito antes ainda, tornou-se humanitaria, dedicou-se a illustrar, nas regiões da imaginação, os conflictos e os problemas da sociedade. A exaggeração d'esta tendencia leva-nos da *Angela* de Dumas ao *Trapeiro de Paris* de Felyx Pyat: e do *Jacques e Lelia* de George Sand ao *Judeu Errante e Mystérios de Paris* de Eugenio Sue. Salto mortal, que poderia porventura despenhar a poesia na abstrusa tarefa de crear uma philosophia politica, nos capitulos de um romance, ou nas scenas de um drama, tornando a arte serva dos systemas mais ou menos aventureiros, que agitam o espirito das modernas gerações.

Negar a acção reciproca da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura — repudiar os serviços que a poesia tem feito á civilisação, na sua livre e rasgada esphera, seria um absurdo imperdoavel: tornar o theatro e o romance echo absoluto das opiniões philosophicas ou po-

líticas, arrendar os dominios da imaginação aos devaneios da metaphysica — seria confundir expressamente facultades distinctas, e expor o culto do bello á mais deploravel prostituição, e á mais completa decadencia.

N'essas pretensões exclusivas a litteratura não obedece senão ás maximas torpemente utilitarias, que dominam o seculo. Querem desmentir, á força de tentativas engenhosas, o *qu'est-ce que celà prouve*, que escapou a Laplace depois da representação de uma tragedia.

Protestámos, em nome da critica, contra a mania dogmatica e didactica, a que tentam submeter a arte. Ella é por si mesma uma fórma independente e completa, que pode de certo assimilar os elementos da historia, da philosophia, ou da sciencia ás suas operações, sem se tornar o reflexo submisso de idéas estranhas, renegando os attributos que fundamentam a sua acção nos dominios do pensamento.

O drama *Os Homens de Marmore*, podemos affoitamente affirmar-o, é uma obra verdadeiramente litteraria, e propondo-se a illustrar uma these philosophica, conserva-se dentro dos limites, que separam a arte das outras fórmas, em que se vasa o espirito da investigação e da analyse.

Raros artistas ha na nossa epocha que se tenham dedicado mais laboriosamente que o sr. Mendes Leal a enriquecer a sua propria vocação. O drama, a comedia, a tragedia, a poesia lyrica, o romance, a critica litteraria, o *folhetim*, no seu aspecto ligeiro e aventureoso, a tudo está ligado o nome do auctor dos *Dois Renegados*. Em todos os generos, a que tem votado a sua penna fecunda, se conhece a influencia das suas superiores qualidades de artista, e da sua ardente inspiração de poeta.

Facil é explicar a sincera admiração com que foi acolhido o novo drama do sr. Mendes Leal. Era uma obra concebida com amor, escripta com atticismo e cuidado, em que resplandecia a elegancia do seu estylo, o viço da sua poetica imaginação. Saudaram-na menos como documento d'uma vocação já incontestavel, e de um nome já sobejamente illustre nas letras, do que como um mimoso producto, que vinha enriquecer a arte moderna portugueza.

Não tentámos aproximar dos *Homens de Marmore* a recordação das *Filles de Marbre*, e da *Dame aux Camélias*, a que é muito superior pela concepção, e pelo estylo; mas a idéa capital filia o drama a essa escola, que tenta apro-

priar a nua realidade da vida humana aos assumptos dramaticos.

O drama *Os Homens de Marmore* conserva primorosamente (e é esta a principal circumstancia que o classifica como uma elevada concepção poetica) o elemento ideal que deve distinguir todo o esforço litterario. Os personagens são creaturas humanas que se agitam nos limites de uma acção calculada, e não typos que obedeçam cegamente ás intenções de um problema humanitario. Insistimos em fazer sobressair este pensamento, porque entendemos que as invenções scenicas vivem sobre tudo da individualidade, e que ás formulas historicas ou philosophicas é que cumpre absorverem o homem na ideã.

De outro modo, aproximar-nos-ia á infancia da arte, a esses tempos em que Lope de Rueda e o immortal Cervantes, em que os illustres Lope de Vega e Calderon mais tarde, faziam entrar a *verdade*, a *rasão*, a *lealdade*, a *memoria*, o *appetite*, como actores obrigados das suas composições dramaticas.

O poeta tornou-se implicitamente advogado da causa das mulheres: vae proclamar ao mundo que essa corrupção a que ellas succumbem, que esses desvarios tremendos que as arremessam na vereda do crime e da infamia, nada é obra d'ellas, existe creado pelo homem; e que aonde nós julgavamos encontrar o algoz das nossas illusões, apenas achámos as victimas da nossa perfidia.

É a mão do homem que primeiro arranca da frente pura da mulher as virginaes aspirações do affecto: e quando ella, ou por um contracto legal, ou por uma abjecção descarada, se vende aos gosos e delicias da vida, é que haviam calcado a poesia dos seus sentimentos, e a tinham feito descer de tudo o que lhe exaltava a imaginação e os sentidos.

Debaixo d'este ponto de vista, Beatriz consubstancia o destino d'essas mulheres que se entregam á paixão, sem reserva e sem comedimento: é da raça d'aquellas que amam energica e corajosamente, que preferem o escandalo ao martyrio, e que dedicam ao homem, que o seu coração escolheu, todas as forças da sua alma, e todas as faculdades doseu espirito. E Estevão de Moura é o *homem de marmore*, que especula com os sentimentos affectuosos, como o agiota, o usurario com as necessidades, e as paixões dos homens. Vemos face a face a mulher, que aneia viver nas regiões ideaes

da paixão, com o homem sceptico e materialista, que existe apenas absorvido nos calculos da vida positiva: é a flor que s'espanteja radiante, que treme e descora, quando o *sirocco* se annuncia nos extremos do horisonte.

Depois é o usurario e o ministro; o *homem de marmore* pela avareza, e o *homem de marmore* pela ambição. É a sociedade moderna na sua expressão odiosa, vista na sua superficie hedionda. É a paixão sedenta sem ideal, sem principios, sem Deus, e sem crença. É o grito d'essa sociedade na agonia, que depois de haver negado a immortalidade, e cuspido na virtude, se abate nas illusões, que tambem o são, de um vicio sem poesia e sem grandeza.

Usurario, julgas ser mais feliz amontoando o ouro á custa das lagrimas: ministro, pensas ser mais omnipotente, abusando da tua força para satisfazeres os devaneios do teu orgulho?

Interrogações pungentes, que apenas testemunham a vaidade dos juizos humanos. Venturosos são talvez os que podem cevar os desejos e contentar a paixão na realidade prosaica da vida, os que se não sentem devorados pelas ancias do infinito, e pelas aspirações do ideal!

Não é natural então que a mulher se corrompa n'esta atmospheria impregnada de maximas infames, em que até mesmo expira o culto da dignidade humana?

Almas ha que resistem a tão duras provas. Fernando e Ignez vivem na contemplação da arte, extasiam-se perante as magnificencias da natureza. São elles que nem vêem os homens desertando os templos e as escolas, a religião e a sciencia, nem comprehendem que o mundo chamará aos seus sonhos e ás suas esperanças loucos e ridiculos delirios. Grupo angelico, que não conhece o mal senão para se compadecer de quem o pratica, que na alteza das suas aspirações ignora os baixos incentivos, que movem em torno de si os homens e os acontecimentos.

D. Luiz Coutinho é o mundo sem as suas infamias, mas é a sociedade com todos os seus preconceitos. Mas os brios do character são tão inspiradores ás vezes como as luzes do entendimento. A mão que escreve com orgulho o nome herdado dos seus avós, abençoa sem hesitar o artista humilde que se elevou a si pelos esplendores do talento, e pelas excellencias do coração.

Uma obra da valia dos *Homens de Marmore* merece que

exponhâmos sem restricções o nosso pensamento. Ha muito espirito, ha uma grande eloquencia de coração, e uma extrema simplicidade de estylo nos dous primeiros actos: ha mais acção, ha mais vida nos tres ultimos. Para os espiritos delicados e artistas, a nossa observação não poderá ser accusada de rigorosa.

Os caracteres sustentam-se do principio ao fim com igualdade. Bastaria esta circumstancia, independente da poesia do estylo, e da naturalidade e finura do dialogo, para conceder ao drama um logar eminente entre as obras do distincto poeta.

Fomos sobrios de epithetos laudatorios n'esta analyse. Para um dos primeiros talentos litteratos da nossa terra, seriam pueris as *alabanzas* com que os homens de letras pomposamente se saudavam uns aos outros, no seculo dos Guillen de Castro, dos Argensolas, dos Cervantes e Calderons. As reputações feitas discutem-se e aconselham-se.

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço.	360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos	180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço.	300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos.	300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos.	300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.	120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.	160

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço.	500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço.	240
Uma Victima, drama original em tres actos.	160
Dôr e Amor, comedia-drama em 3 actos.	200

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço	80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos.	120
As nodos de sangue, drama em tres actos.	160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.	100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol.	400
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em 4 actos	240
Pedro Cem, comedia em cinco actos.	300
Remechido, o Guerrilheiro, drama em 3 actos.	300

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.	480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez	360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.	200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço	120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos.	160

ALFREDO HOGAN.

As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr.	300
Ninguém julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos	360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr.	400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.	200
Memorias do Coração. Preço	240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.	160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço	240
O Marido no Prégio, comedia em um acto	160
Já não ha tolos! . . . comedia em um acto.	80
Não desprese sem saber, comedia em um acto.	120
O Colono, comedia-drama em tres actos.	160
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.	200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.	240
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos.	200
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.	200
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.	160
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.	200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, comedia heroica, original em tres actos.	200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original his- torico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.	200
Pilatos no Credo, comedia em um acto.	80

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos.	300
Primeiro o dever! comedia-drama em tres actos.	160

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço.	1:800
--	-------

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço.	240
O Pae prodigo, comedia em tres actos.....	200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço....	200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos.....	180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em dois actos.....	180
Uma chavena de chá, comedia em um acto.....	120
Convindo o coronel!!... comedia em um acto.....	100
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.....	220
HENRIQUE VAN-DEITERS.	
Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço.....	360
Os moedeiros falsos, comedia drama original, em tres actos.	160
JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.	
A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço.....	320
MANUEL ODORICO MENDES.	
Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço.....	200
I. DE VILHENA BARBOSA.	
Cidades e villas da Monarchia Portugueza que togem Brasões d'Armas : 3 vol. 8.º francez (com estampas lytographadas)	3:000
JULIO CESAR MACHADO.	
A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto	140
O Capitão Bitterlin, comedia n'um acto.....	140
OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.	
Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço.....	720
Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.....	100
Adições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço.....	200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol.	200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.....	80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio.....	80
O Mentor da mocidade.....	120
Ensaio poetico. Preço.....	60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port.	120
Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos...	200
Amor e Amizade, comedia em um acto.....	80
O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço.....	240
A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos.	160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos.....	200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço.....	60
O segredo d'uma esmola, comedia-drama em dois actos..	180
Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr....	300
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto.....	160
A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço.....	320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	360
Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos.....	200
A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.....	160
1640 ou a restauração de Portugal, factio historico em quatro actos sete quadros e um prologo.....	300
Graziella, drama em um acto.....	100
Amor e arte, drama em tres actos.....	220
Os dois irmãos, drama em quatro actos.....	200
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.....	100
O Principe Escarlata, tragedia burlesca em 2 actos em verso.	180
Guia do Povo para escolher uma medicina, 1 vol. em 8.º	400
O Prestigiador, drama em 5 actos.....	300
As Joias de familia, comedia-drama em 3 actos.	

